

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO  
SUL – UNIJUÍ

FABIANE BORGES MADRIL

**JORNAL DE INTERIOR: UMA ANÁLISE DA APURAÇÃO JORNALÍSTICA NO  
JORNAL NOROESTE DE SANTA ROSA**

IJUÍ/RS  
2018

FABIANE BORGES MADRIL

**JORNAL DE INTERIOR: UMA ANÁLISE DA APURAÇÃO JORNALÍSTICA NO  
JORNAL NOROESTE DE SANTA ROSA/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo para conclusão de curso.

Orientadora: Lara Nasi

Ijuí/RS  
2018

## RESUMO

Esta monografia reflete sobre a importância da apuração na redação jornalística do Jornal Noroeste, localizado na cidade de Santa Rosa/RS com a finalidade de compreender de que forma o veículo e os profissionais responsáveis realizam a apuração jornalística, como se organizam, lidam com a relação impresso-digital e produzem os conteúdos. O estudo desenvolveu-se amparado nas teorias de *Newsmaking* (WOLF, 1987). Com uso da técnica da observação participante (MATTOS, 2011; PERUZZO, 2003), a investigação se deu através da análise das rotinas de produção de notícias e apuração jornalística, durante uma semana, no Jornal Noroeste. A partir disso, acompanhou-se a equipe de redação e se observou que o processo de apuração acontece e desmembra-se em etapas destinadas à produção autoral e construção de notícias que surgem a partir das sugestões de pauta. Neste último caso, observa-se que os *releases* enviados por instituições colaboram na produção do jornal, sendo reaproveitados e enriquecidos na busca por mais informações e/ou fontes, bem como funcionam de modo importante como norte para maiores produções noticiosas por parte da redação analisada.

Palavras-chave: Jornalismo. Apuração Jornalística. Jornal de Interior. *Newsmaking*.

## ABSTRACT

This monograph reflects on the importance of the calculation in the journalistic writing of the Noroeste Newspaper, located in the city of Santa Rosa / RS in order to understand how the vehicle and the responsible professionals carry out the investigative journalism, how they organize, deal with the relationship digital and produce the content. The study was developed based on theories of Newsmaking (WOLF, 1987). Using the technique of participant observation (MATTOS, 2011; PERUZZO, 2003), the research was done through the analysis of the routines of news production and journalistic verification for a week in the Jornal Noroeste. From this, the writing team was followed and it was observed that the process of calculation happens and dismembers in stages destined to the author production and construction of news that arise from the suggestions of agenda. In the latter case, it is observed that the releases sent by institutions collaborate in the production of the newspaper, being reused and enriched in the search for more information and / or sources, as well as they work in a important way like north for major news productions by the analyzed newsroom .

Keywords: Journalism. Journalistic Review. Journal of the Interior. Newsmaking.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página destinada aos temas ligados à educação.....	39
Figura 2 – Página destinada às matérias da redação.....	40
Figura 3 – Gráfico/Faixa etária.....	42
Figura 4- Capa da edição impressa do jornal analisado.....	46

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Lista de checagem.....	21 - 22
Quadro 2 – Jornal com 24 páginas.....	37

## SÚMARIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2. JORNALISMO E O DEVER COM A VERACIDADE</b> .....	<b>11</b>
2.1 Mudança nos hábitos de produção de conteúdo .....	13
2.2 Jornalismo de proximidade.....	15
<b>3. APURAÇÃO JORNALÍSTICA</b> .....	<b>18</b>
3.1 Filtros e métodos de edição .....	22
3.2 Fake News .....	25
<b>4. ANÁLISE</b> .....	<b>27</b>
4.1 Fundamentos metodológicos .....	27
4.2 Jornal Noroeste de Santa Rosa /RS .....	31
4.2.1 No jornal de interior, o interior do jornal.....	33
4.3 Apuração no noroeste .....	48
4.3.1 Produção autoral .....	49
4.3.2 <i>Releases</i> .....	51
4.4 Digital e impresso .....	52
4.5 Considerações sobre a análise .....	53
<b>5.CONCLUSÃO</b> .....	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O jornalismo vive uma crise de credibilidade, reforçada pelas notícias falsas, as *Fake News*, que se propagam de maneira assustadora nas mais diversas plataformas digitais e sites de redes sociais. Hoje, grande parte da população têm acesso à internet. Navega, consome e produz conteúdos, seja de caráter informativo ou apenas entretenimento, nesse mundo virtual. Conforme dados divulgados neste ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, feita em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, Inovações e Comunicações, com dados de 2016:

Cerca de 64,7% dos brasileiros (+ 10 anos) utilizaram a internet em 2016, ou seja, mais de 116 milhões de pessoas se conectaram em algum momento a um site ou aplicativo. Isso significa que outros 63 milhões estavam off-line. Dos dois motivos mais apontados para não usar a rede foram: 37,8% não sabiam como usar a internet e 37,6% alegaram a falta de interesse em se conectar. (GOMES, 2018).

Dentro desse contexto, nota-se um comportamento passivo, por parte de alguns consumidores e produtores que não questionam ou realizam a checagem das informações, apenas repassam e compartilham esses conteúdos; ato que fere a responsabilidade cidadã e prejudica a ética jornalística por distribuir materiais sem profundidade e minimamente apurados.

Esse comportamento, porém, não prejudica somente o compromisso com a veracidade dos fatos, implícita à área do jornalismo, de modo digital; também atinge os meios tradicionais, como os jornais impressos que buscam sobreviver em meio ao grande fluxo de conteúdos disseminados hora após hora na internet e fora dela. Principalmente em cidades de interior, como Santa Rosa, localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, onde o desafio em realizar uma boa apuração jornalística e consequente produção de material de boa qualidade, é constante.

Num momento em que o conceito de *Fake News* também aparece de maneira tão recorrente, implicando as lógicas de produção do jornalismo *on-line*, os jornais impressos passam a ter ainda mais importância e credibilidade. São peça-chave para que comunidade saiba o que acontece em seu entorno e, portanto, fundamentais para democracia. O Jornal Noroeste, é um dos jornais por meio dos quais a comunidade



se informa, forma sua opinião, reflete, produz conhecimento sobre o que se passa no município, região, Estado e por vezes País.

Para tanto, neste Trabalho de Conclusão de Curso, foi realizado o acompanhamento da produção do jornal por uma semana, seguindo a metodologia da Observação Participante, assim como foi feita a realização de entrevistas com integrantes da equipe de jornalismo, com o editor-chefe e o redator, especificamente. A proposta foi fazer um estudo de *Newsmaking*, que se trata do estudo do processo de produção da notícia, considerando a lógica dos processos produtivos do jornalismo e as suas implicações no resultado final do produto. Sem uma, o trabalho visa compreender os modos de produção da notícia neste jornal e, desta forma, também sobre como se produz jornalismo em Santa Rosa.

Essa pesquisa é norteadada pelo seguinte **problema de pesquisa**: Como é realizada a apuração jornalística no jornal Noroeste de Santa Rosa? O **objetivo geral** é analisar a apuração jornalística no jornal impresso Noroeste, no período de uma semana, durante o mês de outubro. Como objetivos específicos, a pesquisa buscou compreender de que forma o jornal impresso Noroeste realiza a apuração jornalística; acompanhar a rotina de produção de conteúdo dessa redação para analisar a organização de pautas e produção de conteúdo; averiguar como é feito o aproveitamento dos *releases* enviados por assessorias de comunicação e organizações, e se há checagem de mais informações.

Esta pesquisa parte da hipótese de que a maioria dos meios de comunicação regionais, dotados de uma equipe de profissionais mais reduzida, dão margem à reprodução de materiais prontos que chegam à redação ao invés de checagem de informação. Cada empresa jornalística possui sua linha editorial e chefes de redação com valores e formas de trabalho diferentes. Por isso, pode-se adotar ou não uma postura mais ativa ou passiva perante o processo de apuração e o uso de *releases* enviados por assessorias de imprensa.

Apurar, checar, filtrar, editar, são pressupostos básicos importantes da prática jornalística. A não realização de algum desses itens pode configurar informações pouco verossímeis com a realidade vivida. Em grandes centros e veículos de comunicação, pressupõem-se que exista um número maior de colaboradores por equipe, o que categoriza um melhor êxito nos processos de apuração e produção de conteúdo. Mas em meios de comunicação menores, em cidades do interior, como Santa Rosa, as condições de produção e os processos de trabalho são distintos.

Nesse contexto, cabe destacar a importância de compreender a realidade das redações locais, número de colaboradores de cada equipe e rotina de apuração, para que se perceba a relação dessas variáveis internas no processo de produção noticiosa, através dos quais as pessoas leem a realidade em seu entorno.

A partir dessas questões, o trabalho estrutura-se da seguinte forma: no capítulo 2 será discutido sobre mudanças tecnológicas (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016) e nas formas de produzir e consumir informação, relacionando ética, moral, deontologia (BARBOSA, 1990; KARAM, 1997) ao processo de apuração e checagem jornalística, cumprindo com o dever com a veracidade. Também é abordado o conceito de jornalismo de proximidade (DORNELLES, 2010), (CAMPONEZ, 2012). Outra questão abordada foi a objetividade (GENRO FILHO, 1987)

O capítulo 3, por sua vez, é dedicado ao contexto dos processos e métodos de apuração jornalística empregados por Pereira Junior (2010) e baseado em conceitos evidenciados por Traquina (2012), além de diferentes autores, como Souza; Tassarolo (2017) que discorrem sobre questões acerca das *Fake News*, viés importante dentro dessa discussão. Também é fomentado o aspecto específico de edição, papel do editor e os filtros e métodos passíveis de uso para um melhor resultado na produção de informação veiculada para a comunidade local Fonseca (1995). O que inclui o fenômeno das *Fake News*, notícias falsas, resultado da má apuração mas que também são reproduzidas intencionalmente.

O capítulo 4 é o capítulo de análise. Ele inicia dedicado à explanação dos fundamentos metodológicos, também ao histórico, estrutura e organização interna do Jornal Noroeste, objeto de estudo desta pesquisa. São descritos os processos de apuração da redação do jornal, evidenciando dois aspectos de produção, sendo um autoral e outro a partir dos *releases*. Uma sessão destinada à relação de trabalho e gerenciamento de pauta no digital e impresso também ganha destaque no capítulo de análise. Trechos de diário de campo, entrevistas e revisão bibliográfica dão corpo à discussão de conhecimento da rotina de produção do Jornal Noroeste.

## 2. JORNALISMO E O DEVER COM A VERDADE

O compromisso com a veracidade, expresso no ato de apurar os fatos antes de noticiar qualquer acontecimento é, principalmente nos dias de hoje, uma das formas que os meios de comunicação têm de inibir circulação de conteúdos informativos rasos e falsos.

É através da imprensa que, enquanto pessoas que convivem em sociedade, somos situados em relação aos acontecimentos que nos cercam. Sem a informação, ficamos desatualizados. Sem a imprensa, que nos dá visão, voz e noção de realidade, ficaríamos, como já dizia Rui Barbosa, no início do século XX, à mercê do acaso. A reflexão do autor remete a certo apelo à imprensa: o de priorizar a busca por credibilidade, nas publicações noticiosas, ao invés de visibilidade. As consequências dessa postura de manipular a notícia avançam para a obscuridade da visão de uma nação frente aos acontecimentos que a cerca.

Um país de imprensa degenerada ou degenerescente é, portanto um país cego e um país miasmado, um país de ideias falsas e sentimentos pervertidos, um país que, explorado na sua consciência, não poderá lutar com os vícios, que lhe exploram as instituições. (BARBOSA, 1990. p.38).

É um pouco dessa discussão que esse primeiro capítulo traz à tona. Mesmo em meio a tantas mudanças tecnológicas e nas formas de produzir e consumir informação, é possível e necessária uma apuração que leve a qualidade, em que prevaleça o dever do jornalismo com a busca da veracidade, ou com a redução de incertezas na construção da realidade, uma vez que não há verdade absoluta.

Nesse sentido, vale destacar, segundo uma visão mais contemporânea do “dever” do jornalismo com a verdade, outro autor, Francisco José Karam (1997). Já que é muito comum generalizar ética, moral e deontologia quando se discute essa postura de comprometimento com a realidade no jornalismo. Segundo Karam:

Em sua origem, ética e moral tinham significado quase idêntico, o de caráter, costume, maneira de ser, sendo que o primeiro termo é derivado do grego *ethos*, enquanto o segundo é originário do latim *moralis*. Deontologia, derivado do grego *deontos*, significa o que deve ser, isto é, a cristalização provisória do mundo moral validado pela reflexão ética, em normas sociais concretas, em princípios formais e, em alguns casos, em normas jurídicas. (KARAM, 1997, p.33).

O autor ainda conclui, no mesmo trecho, que a normatização deontológica de regras e condutas morais reflete, portanto, a sistematização social daquilo que existe na esfera moral e é objeto da reflexão ética. (KARAM, 1997, p.33).

Quando falamos em compromisso com a verdade e com os fatos noticiados, nos voltamos também para conceitos relacionados à construção da realidade. Existem interferências de subjetividade, imparcialidade e objetividade por parte dos jornalistas e do contexto em que o acontecimento está inserido. Portanto, cabe aqui discutir as teorias construcionistas do jornalismo. Traquina (2012, p.169) concebe as notícias como construção e rejeita a perspectiva das notícias como espelho do real.

Em *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*, o autor destaca nos estudos de parcialidade, realizados nos anos 70, as razões pelas quais a perspectiva do jornalismo do espelho é descartada:

[...] é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e s *media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. [...] a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível. [...] os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico [...] (TRAQUINA, 2012, p. 170).

Vale ressaltar que, conforme o autor, o paradigma das notícias como construção não implica que os conteúdos noticiosos sejam ficção. A conclusão que podemos chegar, com base na explanação referente a essa teoria, é de que existem fatores de rotina e discernimento pessoal de cada profissional, bem como especificidades dos fatos e acontecimentos que são recontados, são construídos a partir de um ponto de vista ou angulação da matéria, obedecendo a critérios de edição e rendendo conforme a checagem durante o processo de apuração. Ou seja, não é um reflexo como na metáfora do espelho da realidade.

Neste capítulo serão abordadas ainda questões relacionadas às consequências das novas maneiras de informar-se. A representatividade do jornalismo de proximidade, bem como a adaptação que os meios de comunicação tradicionais assumem frente às rotinas cada vez mais intensas e acesso à informação rápida e fragmentada.

## 2.1 Mudança nos hábitos de produção de conteúdo

Nos últimos 20 ou 30 anos, muitas mudanças marcaram a forma como os profissionais da área do jornalismo passaram a produzir conteúdo. Essas modificações nos meios de trabalho adotadas pelos jornalistas são recorrentes também no Brasil, influenciando não só as grandes redações, nas capitais, mas também regiões de interior. Foi no final do século passado e início do século XXI que realmente essas mudanças impactaram o fazer jornalístico, motivadas pela modernização tecnológica que tem ditado diferentes atuações e métodos de trabalho ligadas à profissão. (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016).

Mesmo que a atividade do jornalista preserve seu caráter coletivo de ação e a construção da pauta obedeça a ordens e critérios já consolidados historicamente, o “mercado profissional do século XXI, no entanto, exige do jornalista um novo perfil e novas habilidades. O ritmo de trabalho mais intenso, por um lado, e um público cada vez mais interativo, por outro, são duas faces de uma nova forma de se fazer notícia”, como destacam Moraes Júnior e Antonioli em *Jornalismo e Newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online* (2016, p. 44).

Nas teorias do jornalismo, uma perspectiva que agrega conhecimento para a compreensão desse fazer jornalístico é através do *Newsmaking*, o estudo da notícia em seu processo de produção. Nessa lógica, vale ressaltar que a construção da notícia não é um campo estático e padrão; o jornalista atua como personagem importante nas rotinas de produção noticiosa, e teve que reinventar-se com o avanço da internet, o redirecionamento das mídias e dos sites de redes sociais.

Muito além da perspectiva reflexiva acerca da produção da notícia, o *Newsmaking* caracteriza-se como uma análise sobre o jornalismo que se preocupa com as rotinas da profissão, e como essas rotinas relacionam-se com os significados produzidos pelo jornalismo. Esse tipo de abordagem teórica enaltece aspectos ligados não somente ao processo noticioso, mas também ao comportamento e postura dos profissionais responsáveis pela produção de conteúdo. (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016, p.45).

Um autor cujas reflexões aparecem associadas à construção social dos fatos jornalísticos e à essência jornalística é Adelmo Genro Filho. Em *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*, ele se empenha em aprofundar o

entendimento de um dos mais importantes elementos do jornalismo: a ideia de objetividade.

Assim como cada disciplina científica constrói os fatos com os quais trabalha, a notícia é a unidade básica de informação do jornalismo. São os fatos jornalísticos, objeto das notícias, que constituem a menor unidade de significação. O jornalismo tem uma maneira própria de perceber e produzir 'seus fatos". Sabemos que os fatos não existem previamente como tais. Existe um fluxo objetivo na realidade, de onde os fatos são recortados e construídos obedecendo a determinações ao mesmo tempo objetivas e subjetivas. (GENRO FILHO, 1987, p.186).

Como acrescenta o autor, "a objetividade oferece uma multidão infinita de aspectos, nuances, dimensões e combinações possíveis para serem selecionadas". (GENRO FILHO, 1987, p. 186). Outra questão é o significado projetado aos fenômenos, algo que em diversas situações, vai se produzindo pela dialética dos objetos em relação ao sujeito.

A partir desse subsídio, torna-se mais plausível discutir o fazer jornalístico do profissional no momento atual, considerando o processo de construção da notícia significativamente alterado, em que o jornalista sente, opina, pensa e continua não apenas comunicando. A subjetividade conserva o destaque em meio as técnicas, posturas e teorias tradicionalmente disseminadas pela cultura jornalística.

Dentro desse contexto, seguindo o raciocínio de análise das mudanças nos hábitos de produzir e consumir conteúdo, vale ressaltar que o trabalho desempenhado pelo jornalista, assim como o meio, procedimentos e tecnologias, também passou por profundas alterações no século XXI.

Se o jornalista, embora preparado academicamente para atuar em qualquer mídia, normalmente procurava se especializar naquela em que estava comprometido profissionalmente, hoje precisa desenvolver competências e se dedicar a todas as linguagens midiáticas, além de conhecimentos suficientes no ambiente digital, pois ele, muitas vezes, após o processo jornalístico de investigação e produção, deverá editar, publicar e distribuir. (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016, p.49).

São recentes maneiras de praticar o jornalismo, em função dos avanços digitais que englobam a disseminação e acesso à internet, o que impulsiona a criação de *softwares*, facilitadores de produção, edição e publicação.

Trata-se de uma revolução que atravessou as mídias tradicionais, forçando-as a alterar seus modelos clássicos e mergulharem simultaneamente no ambiente digital, bem como propiciando a criação de veículos unicamente digitais e das mídias sociais que também voltaram suas atenções ao jornalismo. Como um dos resultados, hoje temos o jornalismo em tempo real. (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016, p.49).

Outro aspecto, que também mudou esse fazer jornalístico, é a relação do comunicador com o seu público. Hoje, os contatos, bem como as sugestões de pauta e depoimentos, são feitos instantaneamente via mensagens de Whastapp, por exemplo. Inclusive essa ferramenta colabora na produção de conteúdo, uma vez que aproxima e facilita a interação com as fontes.

Todas essas facilidades, claro, vêm acompanhadas de desafios. Ao mesmo passo em que os jornalistas têm acesso e podem produzir materiais mais rapidamente e compartilhá-las na rede, outras tantas pessoas — com formação/atuação na área ou não — também podem exercer o papel de produtor. Os detalhes que atestam a qualidade das informações estão na valorização da apuração desses conteúdos e no enfoque dado às informações, por parte de quem quer que seja.

A visão sobre o fortalecimento dessas interações e produções noticiosas imersas nas mudanças tecnológicas e comportamentais de profissionais da área de jornalismo é uma perspectiva ampla, dinâmica e positivista de compreender não somente realidades mundiais, mas locais, em que a proximidade oriunda das facilidades digitais e/ou de caráter geográfico agregam conhecimento e valor ao esforço coletivo de propagar informação. Questões que serão aprofundadas a seguir.

## **2.2 Jornalismo de proximidade**

Com o avanço das tecnologias das comunicações, em especial, a internet, o jornalismo do interior tende a se fortalecer. (DORNELLES, 2010, p. 238). Ao contrário do que o senso comum possa afirmar, essas inovações agregam à estrutura de proximidade, tradicional aos meios de comunicação situados em regiões de interior.

Segundo Beatriz Dornelles, a imprensa interiorana é vista com base em algumas questões controversas. Os jornais do interior, foco dessa pesquisa,

comumente são considerados pelos profissionais da imprensa como “de segunda categoria”, em função dos preconceitos com a realidade de pequenas comunidades.

Em *O localismo nos jornais de interior*, a autora rebate essa ideia, sob o contexto de proximidade, no jornalismo, o que compreende a realização de uma comunicação completa, eficaz e local. Segundo Dornelles, “a valorização do conceito de proximidade assumiu importância maior nos últimos anos (...) com a ampliação do número de leitores digitais, constituindo-se, assim, em uma estratégia para recuperar públicos. (DORNELLES, 2010, p.239).

O aspecto de proximidade pode ser identificado como um dos principais elementos da notícia. Essa aproximação ganha força no cenário interiorano, que se mantém valorizado, mesmo frente a tantas mudanças tecnológicas, pelo viés comunitário e aprofundado.

A imprensa do interior, caracterizada especialmente pelo localismo, funciona em um espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por identificação com o público, pelo partilhamento dos fatos, dos interesses, das necessidades, das reivindicações políticas etc. (DORNELLES, 2010, p.242).

O jornal, então, deve servir aos interesses comuns à comunidade no que diz respeito a existência e o seu sustento. Em suma, o conceito de proximidade resulta, então, de espaços e formas de identidade.

Em *Jornalismo de Proximidade*, Camponez (2012), sustenta ideia semelhante à de Dornelles, ao relacionar conceitos como território, comunicação e comunidade à imprensa regional.

Defendemos uma definição de jornalismo regional a partir do conceito de pacto comunicacional realizado no contexto de comunidades de lugar – isto é, comunidades que se reconhecem com base em valores e interesses construídos e recriados localmente, a partir de uma vivência territorialmente situada – e onde intervêm critérios como o espaço geográfico de implantação do projecto editorial; o lugar de apreensão, recolha e produção dos acontecimentos noticiados; o espaço privilegiado de difusão da informação; o tipo de conteúdos partilhados e de informação disponibilizada; enfim, a definição dos públicos. (CAMPONEZ, 2012, p.36-37).

A partir do pensamento dos autores, podemos compreender proximidade enquanto uma dimensão simbólica. É por essa razão que o território regional, demonstra-se como um dos e não o único elemento que descreve a imprensa de interior. Assim como em cidades metrópoles que contam com equipas de jornalismo



maiores e com uma estrutura melhor equipada, nas redações de interior, o processo de apuração da notícia é o meio pelo qual o exercício de condução da informação objetiva, clara e despida de interesses que não sejam coletivos pode ser realizada. A especificidades dessa rotina de construção e checagem de informação serão discutidas no próximo capítulo.

### 3. APURAÇÃO JORNALÍSTICA

O processo de apuração no meio jornalístico perpassa diferentes mãos, literalmente, e também procedimentos — não exclusivos ou imutáveis —, para checar informações e construir pautas baseadas na veracidade dos fatos.

Nesse sentido, para uma notícia ganhar evidência e ser veiculada, ela passa por diferentes etapas de seleção e checagem, não se constituindo apenas em caracteres para completar espaço no jornal. Os levantamentos informacionais que chegam nas redações nem sempre possuem característica jornalística. Segundo Pereira Junior (2010, p.33):

Quando jornalistas falam em realidade, fatos ou acontecimentos, estão na prática falando de “construção”, de reprodução simbólica. Estamos num território em que a certeza dos resultados deixa de ser concreta. Se tudo é versão, como confiar nas evidências relatadas por esse desconhecido chamado repórter, essa entidade, tão demasiado humana, chamada veículo de comunicação? (PEREIRA JUNIOR, 2010, p. 33).

Nesse cenário, o jornalista assume um papel importante dentro do processo de apuração, pois através da verificação de cada detalhe que transcorre o fato a ser noticiado, reduz chances de veicular conteúdo de desinteresse público, decidindo o que é ou não noticiável. A confiabilidade, a técnica no que diz respeito à forma e conteúdo são pressupostos apontados pelo mesmo autor referenciado acima como uma questão de grau e simbiose.

O material bruto ao qual os meios de comunicação têm acesso são oriundos de denúncias, sugestões de pauta, *release* entre outros. Essas informações passam por um processo de avaliação para mensurar a relevância e o caráter de interesse público para ser produzido. (SOUZA; TESSAROLO, 2017, P.4)

É a partir dessas reflexões apontadas através dos autores referenciados e suas contribuições, até aqui, que redatores, repórteres e editores iniciam a produção de conteúdo e checagem de informações, organizando uma estrutura de construção da notícia que engloba também pensar quem é preciso ser ouvido como fonte da matéria. Souza e Tessarolo (2017), enfatizam em *Fake News: ética e credibilidade jornalística em risco* que:

Após a coleta das informações, os repórteres escrevem a matéria e estas notícias passam pelos editores e revisores. Em seguida é publicada e levada ao cidadão. O processo que as informações passam até serem transformadas em produto final mostra a preocupação em produzir um conteúdo de qualidade. Ainda nesse processo existe a classificação das informações. (SOUZA; TESSAROLO, 2017, P.4)

Com base no que foi contextualizado até aqui é possível identificar um planejamento dentro do processo de checagem. Segundo Pereira Junior (2010, p.77), planejar pode “facilitar a apuração jornalística e há pelo menos um esquema geral que se repete, com modificações ligeiras, de autor para autor, embora os procedimentos muitas vezes variem e tenham outro batismo, a depender do dono.”

Pereira Junior (2010, p.78) propõe fases de investigação jornalística, com base numa reprodução livre apresentada pelo colombiano Daniel Samper, em 1991, em nome do Centro Técnico da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP): a fase 1 seria a elaboração da pauta; fase 2 a pré-produção; a fase 3 a produção e a fase 4 a pós-produção.

A fase 1, ou elaboração da pauta, é a coleta das primeiras informações, contato com fontes e documentos com pesquisa inicial do tema a ser abordado para construção da pauta. Esta etapa é essencial para fortalecer a base da notícia e estabelecer as conexões que serão fortalecidas nas fases seguintes. É na elaboração que se tem a noção das possibilidades daquilo que se quer noticiar.

No que diz respeito à fase 2, ou pré-produção, segundo Nelson Traquina afirma (apud Pereira Junior, 2010, p. 81), em *O estudo do jornalismo no século XX*, para verificar a credibilidade de uma informação, os profissionais da área de jornalismo adotam alguns critérios para categorizar as fontes. Isso compreende a hierarquia de autoridade, onde o prestígio social das fontes e/ou de acordo com os cargos oficiais valem mais do que aquilo que dizem; sua autoridade não está na palavra e sim no título que carrega. Nesse sentido, surge o conceito de definidores primários, explicado por Hall:

As pressões práticas de trabalho constantes contra o relógio e as exigências profissionais de imparcialidade objetividade – combinam-se para produzir um exagerado acesso sistematicamente estruturado aos *media* por parte dos que detêm posições institucionalizadas privilegiadas. O resultado desta preferência estruturada dada pelos *media* às opiniões dos poderosos é que estes “porta vozes” se

transformam no que se apelida de “definidores primários”. (Hall *et.al* apud TRAQUINA, 2012, p.180)

Para além desse contexto, voltando-se para a classificação específica das fontes, vale destacar que a análise de escolha das fontes, realizada pelo jornalista, também perpassa pelo fator de produtividade, relacionada à quantidade e à qualidade de informação que uma fonte pode oferecer. Também engloba o aspecto da credibilidade, onde as fontes possuem representatividade, em geral para falar em nome de instituições.

Mesmo que existam essas categorizações para nortear a escolha das fontes, segundo Pereira Junior:

É preciso muito cuidado para não cair no círculo vicioso da hierarquia rígida entre as fontes de informação, dar trela a oficialismo ou *lobbies* e fazer do veículo de informação uma tribuna para o jornalismo declaratório, aquele que se satisfaz com declarações de celebridades, políticos e empresários, pouco importasse sustentadas em fatos. (PEREIRA JUNIOR, 2010, P.82)

Analisar as fontes implicadas na notícia e as fontes secundárias (as que não têm nada que lhes ligue diretamente ao fato investigado, mas podem ter informações preciosas sobre os fatos a serem relatados) ajuda a estruturar uma estratégia geral de abordagem do tema.

Durante a fase 3 da investigação jornalística, ou a apuração, os repórteres e demais profissionais destinados a investigar os fatos têm a chance de descartar ou confirmar hipóteses, baseados em depoimentos de testemunhas ou pessoas envolvidas no assunto abordado de forma primária ou secundária. Pereira Junior (2010, p. 86) destaca que, “cada apuração abre novos vazios de informação, a serem preenchidos por mais investigação. É preciso ter um panorama geral do que se tem para saber o que é preciso levantar para ir em frente”.

É muito importante dar suporte a todas as afirmações e conceitos que são definidos e por vezes defendidos pelos jornalistas na configuração de uma notícia. “O jornalista não pode concentrar-se com apenas um (ou poucos) dos diversos aspectos possíveis da história” (Pereira Junior, 2010, p.87). Há a necessidade de confirmar uma informação com pelo menos duas outras fontes. O autor ressalta em *A Apuração da Notícia: métodos de investigação na imprensa* que, “a pressa não é desculpa para má apuração. É da natureza do jornalismo ser feito em tempo curto”. (p.87)

A reflexão do autor pode ser interpretada como uma resposta completa e atual que faz com que os erros, aceitos de forma passiva por diversos profissionais e meios de comunicação, não sejam justificáveis e sim motivo de busca por uma apuração de qualidade dentro da realidade de cada redação. Pois dentro do processo de construção da notícia, o levantamento e o rigor na checagem resultam em informação de qualidade.

Sobre a fase 4 da investigação jornalística, ou pós-produção, Pereira Junior argumenta que:

Diferentes círculos profissionais determinam procedimentos de checagem de informações apuradas pelos jornalistas, só para essa fase em que o trabalho aparentemente já foi concluído pelo repórter. Algumas são aplicáveis para a revisão de última hora, feita pelo editor ou pelo próprio repórter, naquela derradeira olhada antes da clicada final, rumo à composição gráfica. (PEREIRA JÚNIOR, 2010, p. 88).

É o caso da lista de checagem (*check list*) sistematizada pela ASNE – Associação Norte-americana de Editores de Jornais. Uma variação dessa lista é apresentada por Pereira Junior (2010, p.88), a partir de Bill Kovach e Tom Rosenstiel em *Os elementos do jornalismo*, sob o título de “lista de exatidão” e atribuída a David Arnold, editor-executivo do *San Jose Mercury News*. De acordo com essa sistemática, um editor pode guiar-se respondendo às seguintes perguntas quando estiver lendo o material apurado por um repórter (Quadro 1):

Quadro 1 - Lista de checagem

( ) Chequei ao menos duas vezes todos os nomes, títulos mencionados e informações citadas nesta matéria?
( ) Se há números de fones ou endereços eletrônicos, foram testados e recheados?
( ) Todas as citações são precisas e estão exatas e atribuídas corretamente (elas captam com precisão o que disseram os entrevistados, pergunta Arnold) ? Eu entendi plenamente o que a fonte quis dizer?
( ) As informações do lide estão suficientemente respaldadas ( o lide tem consistência, pergunta Arnold) ?
( ) A matéria é justa? Todos os envolvidos foram identificados, contatados e tiveram oportunidade de falar? Alguém vai ficar

<p>aborrecido ou zangado com essa matéria amanhã? Por quê? Para nós essa reação estará bem? Nós apuramos informações paralelas? Nós tomamos partido ou fizemos juízos de valor a respeito de resultado que pretendemos (mesmo de forma sutil, pergunta Arnold)? Alguém gostará da matéria mais do que deveria?</p>
<p>( ) O que está faltando?</p>

Fonte: Reprodução de quadro elaborado pelo autor Pereira Junior, 2010, p.88.

Como pudemos observar, para fazer uma boa apuração dos fatos, é necessário seguir alguns critérios para melhorar a organização e fortalecer o resultado das informações. Na prática, vemos os meios de comunicação desenvolvendo suas próprias técnicas de checagem, que normalmente são baseadas na confiança “aos olhos” do editor, revisor, no *feeling* dos repórteres e na estrutura e equipe disponível para desenvolver todas as etapas do processo de construção, principalmente averiguação, dos conteúdos que são veiculados diária, semanal ou mensalmente.

Dentro dessa organização editorial cabe ressaltar que existem filtros, internos e externos, aplicados como métodos de edição dos materiais que o veículo deseja tornar público. A sessão a seguir dá conta dessa premissas, contextualizando o que são e de que modo ocorrem dentro de uma redação.

### 3.1 Filtros e métodos de edição

Dentro do contexto de apuração, especificamente dos filtros e métodos de edição e checagem, é importante se ater aos conceitos de FONSECA (1995), para discutir acerca do que é editar, quem decide o que editar, a questão da consciência e o controle das informações. Fonseca constrói a resposta a esses questionamentos evidenciado algumas definições de outras fontes, como MEDINA (1995) e o Manual da Redação, Folha de São Paulo.

O primeiro conceito, elaborado por Medina, designa o editar a partir da funcionalidade técnica do termo que é a finalização dos conteúdos a serem divulgados, a exemplo da matéria para jornal. Enquanto significado mais abrangente, está ligado ao processo que a começa na pauta, passa pela etapa gráfica ou digital

dessa veiculação até a publicação. O Manual da Folha de São Paulo, conforme explicito no texto de Fonseca, por sua vez afirma que:

Editar compreende o preparo e a disposição do material jornalístico no conjunto das páginas. Que editar implica selecionar e fazer opções de modo a destacar um quadro completo e hierarquizado dos fatos jornalísticos. E que implica também reunir, em torno da reportagem, textos de apoio e material iconográfico que a situem para o leitor. (MANUAL DA REDAÇÃO, FOLHA DE SÃO PAULO apud FONSECA, 1995. p.2)

Já na edição de 2007, que embora não seja a mais recente, está mais em consonância com o cenário das redes digitais e presença da internet e cultura visual no jornalismo, a definição de edição é um pouco diferente, assim definida:

A exposição hierárquica e contextualizada das notícias e a distribuição espacial correta e interessante de reportagens, análises, artigos, críticas, fotos, desenhos e infográficos constituem a edição do jornal. Uma edição bem-sucedida tem por fundamental o desempenho jornalístico eficaz na apuração dos fatos, a disponibilidade de informações exclusivas, a redação correta e envolvente dos textos e a boa qualidade do material fotográfico e dos infográficos. Tudo isso concretiza-se em uma disposição planejada, organizada e criativa dos assuntos, feita com cuidado e acabamento visual, para conquistar a atenção do leitor e fazê-lo interessar-se pelo assunto tratado. Antes da fase conclusiva da edição, cabe ao editor, ao editor-adjunto e aos editores-assistentes zelar para que as reportagens se baseiem nos ganchos e nas hipóteses de trabalho. (MANUAL DA REDAÇÃO, FOLHA DE SÃO PAULO, 2007, p.33).

Outra reflexão importante que o texto de Fonseca provoca: quem decide o que editar. Mais uma vez, a autora se utiliza de informações contidas em obras de outros autores, como Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil*, que discorre sobre a relação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento capitalista. Tudo porque, para Sodré, essas mudanças na imprensa aconteceram em paralelo ao desenvolvimento da sociedade, refletindo como os cidadãos se relacionam, produzem e trocam seus bens.

Aqui a autora faz uma analogia interessante, em que referencia Lopes (1989), apontando uma empresa jornalística como outra empresa comercial qualquer, onde os interesses se concentram na essência do que é produzido e como esse meio desempenha sua função enquanto formador de opinião pública. Essa empresa

manuseia ideias, informações puramente intelectuais. Ainda que o texto da autora tenha sido escrito há mais de duas décadas, a situação do jornalismo nos grandes conglomerados ainda está em consonância, em diversos aspectos, com as observações de Fonseca.

Para falar de filtro, Fonseca ainda cita Clóvis Rossi, jornalista da Folha de São Paulo, que destaca a existência de dois tipos de filtro, o interno e o externo. O interno seria a própria pauta, que está carregada de subjetividade de quem a propõe, no caso do pauteiro, levando em conta, claro, a linha editorial do veículo em que atua. “O jornalista explica que a pauta é feita, muitas vezes, com a utilização de *press releases* normalmente enviados por órgãos oficiais ou empresas, ou seja, o poder”. (ROSSI *apud* FONSECA, 1995, p.4).

Como podemos ver, as condições do que pode ser pautado limita muito o trabalho do repórter, levando ele adotar o “filtro/pauteiro”, podemos assim dizer para exemplificar o contexto. Nos parece que essa ainda é uma questão no jornalismo contemporâneo. Outro filtro interno é o do editor, e continua a ser nos dias de hoje. É ele quem decide que enfoque o repórter vai dar à matéria, quanto o tema rende em termos de nota ou reportagem, se vale capa ou não, e inclusive o que deve ser o centro da proposição, com quais fontes falar.

Já os filtros externos, Fonseca diz que são identificados na fonte que obtém seu espaço, muitas vezes por meio de *press releases* publicados por completo, sem edição. Também pode se caracterizar como um filtro externo os anunciantes que influenciam na edição. É por meio desse processo de seleção que se estabelece na prática a política editorial.

Em um contexto atual, as fontes são bem mais ativas. As pessoas procuram os meios de comunicação, autoridades, inclusive, se pronunciam através de sites de redes sociais como o Twitter (a exemplo do presidente dos Estados Unidos Donald Trump e do presidente eleito do Brasil, Jair Bolsonaro). Vale destacar que esse interesse do público, também se manifesta através desses mesmos campos cibernéticos em que as pessoas reclamam, manifestam interesses etc. Portanto o próprio público consumidor caracteriza-se como um filtro que pauta os veículo através das interações e diálogos estabelecidos, muito mais relevante que nessa época (1995) em que as pessoas enviavam cartas para a redação.

Com base em todos os aspectos apresentados até aqui podemos perceber a importância e também o perigo, se aplicado de maneira autoritária e antiética, que o



filtro tem. Seja ele por meio da edição simples de matérias em um fechamento de jornal, ou no direcionamento de uma pauta que ao invés de ser sugerida, para que sejam produzidas matérias sem interesses políticos e pessoais, e de livre criação em termos de forma e conteúdo, são impostas sem brecha para o livre exercício da prática jornalística.

### 3.2 Fake News

Já que estamos falando sobre filtros e métodos de edição, cabe aqui ressaltar o fenômeno das *Fake News*, resultado da circulação de notícias falsas, veiculadas nos sites de redes sociais, afetando inclusive a credibilidade e atrapalhando o papel desempenhado pelas mídias tradicionais, como o jornal impresso.

As redações estão cada vez mais reduzidas e isso exige mais dos jornalistas. Consequência dessa realidade é a rapidez na produção e publicação das matérias que faz com que muitos produtores de conteúdo não apurem os fatos adequadamente e colaborando, de forma negativa, na repercussão de *Fake News*.

Vale enfatizar que “Um jornalista responsável não produz notícias falsas, nem notícias exageradas ou notícias corrompidas” (SCHUDSON in SOUZA; TESSAROLO, 2017, p. 12).

No cenário de interação social, atual, em que fatos objetivos são menos relevantes que emoções e crenças pessoais, o jornalismo precisa apostar na sua essência: o compromisso com a apuração dos fatos. Necessita também criar impacto, amplificar vozes e conquistar uma audiência que, como sugerem pesquisas citadas nesse trabalho, estão cada vez mais descrentes nos veículos de mídia.

As *Fake News* demonstram-se uma ameaça e ao mesmo tempo um fortalecimento aos veículos de comunicação, dependendo da postura e apuração jornalística exercidas por esses veículos na busca de produção de conteúdo qualificada. Os jornais impressos, por exemplo, retomam o “lugar” de fonte de confiança para aqueles que haviam cedido às informações fragmentadas e digitais, bem como mantêm seu público leitor assíduo ainda mais fidelizado. Na prática, vamos observar no próximo capítulo como todos esses métodos de edição e checagem influenciam ou são tratados por uma redação de jornal, localizada em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul.



## 4. ANÁLISE

Com base no cenário jornalístico atual, em que a credibilidade é posta à prova tanto no meio físico quanto digital, fica clara a necessidade de compreensão e análise das práticas e rotinas nas redações jornalísticas. Nesta pesquisa, nos dedicamos a observar esses processos no meio de comunicação impresso de maior circulação no município de Santa Rosa, o Jornal Noroeste, para mensurar e analisar processo de apuração jornalística que é realizado na região noroeste do Rio Grande do Sul. Análise esta que pretende considerar as estratégias desenvolvidas pela redação levando em conta a realidade da região em que se insere, a equipe disponível para realização do trabalho, os contatos com as fontes, bem como a checagem e apuração dos fatos de interesse social que tornam-se pauta no produto semanal. Para tanto, o método escolhido foi o qualitativo, com inspiração etnográfica, como explicamos a seguir.

### 4.1 Fundamentos metodológicos

A escolha do método qualitativo está intimamente ligada às áreas de pesquisa de Ciências Sociais, específica e recentemente do campo da Comunicação, como defende Veiga (2014, p.66). Isso porque possibilita uma abordagem mais aberta, onde as representações culturais importam, o que justifica a escolha do mesmo para a realização desta pesquisa. Inclusive, o crescimento dessa perspectiva se dá por obter “como preocupação central descrições, compreensões e interpretações dos fatos ao invés de medições” (MARTINS; THEÓPHILO, 2007 apud VEIGA, 2014, p.67). O método é embasado a partir de:

Descrições detalhadas de fenômenos, comportamentos; citações diretas de pessoas sobre suas experiências; trechos de documentos, registros, correspondências; gravações ou transcrições de entrevistas e discursos; dados com maior riqueza de detalhes e profundidade; interações entre indivíduos, grupos e organizações” (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p.137 apud VEIGA, 2014, p.67).

Outra questão que colabora para o desenvolvimento dessa pesquisa, através do método qualitativo, é por ser constituída de uma base empírica, com a realização de trabalho *in loco*, pensada para ser executada em diferentes fases, contempladas pela observação, coleta, análise e interpretação dos dados.

Ainda dentro desse contexto, encontramos na etnografia um caminho, enquanto técnica de pesquisa, mais coerente para exercício das atividades previstas dentro da análise prática. Segundo Mattos (2011, p. 51):

Etnografia é também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos, por exemplo: uma escola toda ou um grupo de estudo em uma determinada sala de aula. A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis das percepções e comportamento manifestos em sua rotina diária dos sujeitos estudados. Estuda ainda os fatos e eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. (MATTOS, 2011, p.51).

Neste trabalho, objetivou-se exercer a observação participante, especificamente, enquanto estratégia considerada mais geral da etnografia (FLICK, 2007 apud VEIGA, 2014, p.68), na coleta dos dados. A professora Cicilia Perruzzo assim a define:

A observação participante - ou investigação etnográfica – realizada com a finalidade de observar comportamentos das pessoas em relação aos meios de comunicação pressupõe a inserção do pesquisador no ambiente investigado (uma família, uma gangue, um grupo profissional, uma comunidade etc.) e, em geral, objetiva observar como se processa a recepção das mensagens dos *mass media*, como elas são entendidas, decodificadas e reelaboradas. Pode também ter a finalidade de observar os processos comunicativos interpessoais, grupais ou comunitários, envolvendo os *mass media* ou outros processos de comunicação como os grupais e meios alternativos de comunicação. (PERUZZO, 2003, p.12 – p.13).

Durante as pesquisas *in loco*, a postura adotada como pesquisadora é aberta, declarada junto ao grupo, de forma que todos tenham noção dos objetivos da pesquisa e de que vão estar sob observação. Nesta fase a ideia é focar nas rotinas produtivas, organização e divisão das demandas de trabalho, com o objetivo de compreender de que forma, rotineiramente, a equipe realiza o processo de apuração da notícia, como são divididas as tarefas, qual é o relacionamento e tratamento das fontes, bem como a utilização dos *releases* por parte da editoria. Uma das formas de tomar nota, de modo a colaborar na compreensão do objeto estudado, foi através do uso de diário de campo, que segundo Araújo:

[...], tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término. (ARAÚJO et al., 2013, p. 54 *Apud* OLIVEIRA, 2014, p.73).

Outra, se não a principal, maneira de aprofundar o conhecimento e analisar de forma ampla e consistente o processo de apuração e produção da notícia é a partir da Teoria do *Newsmaking*, “a qual está diretamente relacionada com o processo de produção da notícia, dedica-se a uma compreensão mais minuciosa sobre a lógica dos processos produtivos do jornalismo, as suas implicações a para a construção das mensagens”, (LOPEZ; RUTILLI, 2014, p.175).

O estudo de *Newsmaking* caracteriza-se como um estudo teórico relevante e bem estruturado sobre o jornalismo, que engloba a compreensão das rotinas da profissão. “Trata-se, de um olhar que, ao buscar esclarecer pontos importantes da produção da informação jornalística, termina por lançar pistas sobre o perfil do profissional”. (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016, p.45).

A teoria do *Newsmaking* pressupõe que as notícias são como são porque a rotina industrial de produção assim determina. Existe uma quantidade enorme de fatos no cotidiano, por isso, sem a organização do trabalho jornalístico, é impossível produzir notícias. Esse processo de produção é planejado como uma rotina industrial. Para tanto, conforme discorre Wolf (1987), os veículos de informações devem cumprir algumas tarefas: *Reconhecer*, entre os fatos, aqueles que podem ser notícia (seleção); *Elaborar* formas de relatar os assuntos (abordagem/angulação); *Organizar*, temporal e espacialmente, o trabalho para que acontecimentos noticiáveis possam ser trabalhados de maneira organizada.

Por todos esses aspectos, diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção das notícias. É dessas práticas que se ocupa a teoria do *Newsmaking*. Dentre elas destaca-se a noticiabilidade, critérios que escolhem, entre inúmeros fatos, uma quantidade limitada de notícias.

Definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo e acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (*new values*) como um componente da noticiabilidade. Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias? (WOLF, 2003. P.173).

Como são os meios de comunicação que definem os valores e a hierarquia dessa quantidade limitada de notícias, Wolf (2003) elenca três fatores que influenciam nos critérios de noticiabilidade. São eles: Informação de utilidade pública. Exemplo: Campanha Nacional contra a Dengue; Comoção Pública. Exemplo: Morte do Ayrton Senna; Informação de incontestável interesse geral. Exemplo: Rompimento das barragens de Mariana/MG.

Entre os fundamentos metodológicos utilizados para realização dessa pesquisa destaca-se também a entrevista. No âmbito científico, ela é uma técnica de obter informação através de uma conversa profissional com uma pessoa especializada para um estudo ou investigação. (TRAVANCAS, 2012, p.15). Segundo essa perspectiva, para a autora, a entrevista é:

[...] uma das principais técnicas de pesquisa nas ciências sociais, embora não seja a única. É vista como um método de pesquisa. E implica na transmissão de uma informação verbal em que o comportamento do entrevistado também oferece obter dados para a pesquisa. [...] A entrevista pode ser estruturada, semiestruturada ou não estruturada com perguntas fechadas ou abertas. Nesta última o entrevistado tem toda liberdade de responder como quiser, com suas palavras, o que foi perguntado. (TRAVANCAS, 2012, p.15 - 16).

Todas essas estruturas listas por Travancas (2012) são empregadas tanto no contexto jornalístico quanto nas ciências sociais. Para a realização da análise prática, que envolveu entrevistas com membros da equipe de redação do Jornal Noroeste, foi utilizada uma entrevista semiestruturada aberta, em que foram preparadas perguntas reproduzidas a ambos os entrevistados. Antes de estabelecer seriam os temas questionados, foi realizada a observação e o estudo do veículo, bem como de práticas e conceitos relacionados à entrevista com jornalistas. O resultado foi um roteiro de entrevista com 25 perguntas, divididas em cinco temas centrais (Apêndice 1).

Após o reconhecimento e observação do espaço, da organização, dos redatores e das construções de pauta, no primeiro dia de acompanhamento da rotina

de produção do Jornal Noroeste, decidiu-se entrevistar, com base neste roteiro, o redator do jornal. As respostas dariam base para compreender de forma ampla e próxima o objeto de análise e de que forma se estrutura. Foi o que aconteceu.

A segunda vez que utilizei esse roteiro foi ao final da análise, com o editor-chefe do veículo, quando pude acrescentar e aproveitar ganchos dos depoimentos que ouvia dele sobre pontos cruciais observados durante uma semana de acompanhamento da produção do JN. A ideia foi aproveitar as informações de forma complementar e evidenciar aquelas respostas em que ficaram mais claros os objetivos questionados em cada pergunta.

Todas referências teóricas e metodológicas explanadas foram de extrema importância para não somente realizar de forma prática a análise no jornal, mas para dar sentido ao que era observado e ter condições de fazer ligações entre conceitos e fatos. Os próximos tópicos desse capítulo demonstram, de forma contextualizada, a utilização de cada um deles conforme as entrevistas, os relatos do diário, as constatações do estudo da rotina de produção forem aparecendo. Antes de tudo, é importante saber mais sobre o local escolhido para ser objeto de análise desse trabalho.

## **4.2 Jornal Noroeste de Santa Rosa /RS**

A Empresa Jornalística Noroeste Ltda. - EJNI - é uma organização que atua no segmento de comunicação social. Com a publicação do Jornal Noroeste no dia 8 de julho de 1971, o nome, que identifica a região geográfica de atuação da EJNI no Estado do Rio Grande do Sul, começou a solidificar-se no setor, tendo como sede a cidade de Santa Rosa. A 40km da fronteira com a Argentina, a região é privilegiada geograficamente em relação ao Mercosul, sendo que a própria EJNI participa de iniciativas de integração, como a Federação Empresária Brasil-Argentina-Paraguai (FEBAP).

No mesmo ano de sua fundação, a EJNI adquiriu a Rádio Sul Brasileira AM, que passou a chamar-se Rádio Noroeste AM, com foco noticioso, e que hoje opera em caráter experimental na frequência modulada 96,7<sup>1</sup>. No dia 25 de março de 1986, foi

---

<sup>1</sup> A Rádio Noroeste, originalmente 890 AM, migrou para 96.7 FM, no ano de 2017 e hoje opera em caráter experimental na frequência modulada. O processo de migração, que não é obrigatório, foi

implementada através de um processo de expansão da Empresa Jornalística Noroeste, a Guaíra FM, voltada ao entretenimento musical e informativo com destaque à diversidade de estilos de músicas, atingindo, portanto, os mais diferentes públicos, no dial 97,7.

Sob o comando dos sócios-proprietários Claudete e Sérgio Ambros Mallmann, a Noroeste começou a destacar-se no cenário regional, principalmente devido ao forte envolvimento comunitário de seus administradores e profissionais de comunicação. Fator que fortaleceu a marca e originou, em 2005, o portal [www.jornalnoroeste.com.br](http://www.jornalnoroeste.com.br), espaço digital que possibilitou ampliar a divulgação de informações para outros públicos.

Durante este período de transição a Noroeste credenciou-se como uma empresa sólida, solidarizando-se com as pessoas que se relacionam de alguma maneira com seus profissionais e com seus diferentes veículos de comunicação: Jornal Noroeste, Rádio Noroeste FM, Rádio Guaíra FM e portal online.

O Jornal Noroeste tem como diretor-presidente Sérgio Mallmann, coordenador Luciano Hintz Mallmann, editor-chefe Jairo Borges Madril e gerente comercial Elói de Ávila. A equipe do JN é composta também por dois diagramadores, Márcio Wachholz e Sandra Pasini, pelos redatores Jardel Hillesheim e Luis C. Volkmer, além de outras duas pessoas responsáveis pelo setor de vendas, Eunice Arsand e Taciara Vargas. A impressão dos jornais é realizada, hoje, na Zero Hora, em Porto Alegre/RS e a tiragem é de 4 mil exemplares. O Jornal Noroeste circula, além de Santa Rosa, nas cidades de Tuparendi, Porto Mauá e Tucunduva, onde tem representantes. O JN possui circulação também em Alecrim, Santo Cristo, Senador Salgado Filho, Giruá, Cândido Godói e Campina das Missões.

Cabe, aqui, ressaltar que a temática central dessa pesquisa foi motivada pela necessidade de observar a forma como as modificações na produção, recepção e manipulação de conteúdo online influenciam no cotidiano de periódicos semanais impressos, como o Jornal Noroeste. Refletir sobre as rotinas de trabalho relacionadas à apuração dos fatos e acontecimentos noticiosos locais, em meio ao contexto digital, prejudicado pelas notícias falsas, mostrou-se válido e relevante para a construção e registro da memória coletiva e científica regional.



#### 4.2.1 No jornal de interior, o interior do jornal

Ao vislumbrar no Jornal Noroeste um espaço compatível para a busca do conhecimento das devidas práticas e vivências de apuração jornalística no interior, começaram a ser feitos os primeiros contatos almejando a aceitação da realização da pesquisa de campo. O primeiro deles, no dia 4 de outubro de 2018, foi uma tentativa de agendar um encontro com o sócio proprietário do complexo Noroeste, Sérgio Ambros Mallmann.

Disquei o número do jornal e fui atendida pela secretária. Me apresentei, enquanto acadêmica de Jornalismo a serviço do trabalho de conclusão de curso. Em seguida, manifestei o desejo de marcar um horário para apresentar a proposta de análise do veículo ao responsável. A secretária imediatamente disse que o mesmo estava em sua sala, naquele momento, e que passaria a minha ligação para acertar direto com ele. Não demorou muito, foram apenas cerca de dois minutos de música de telemarketing até ouvir o bom dia do “Seu Sérgio”, forma pela qual me habituei a chamá-lo.

De forma breve me apresentei novamente e expliquei o motivo da ligação. Gostaria de um momento pessoalmente para entregar um documento, escrito com a ajuda da orientadora, a fim de esclarecer e formalizar a minha pesquisa. Seu Sérgio então me respondeu que naquele dia não teria tempo para me receber, mas que no outro, pela manhã, estaria à disposição. Agradei e fiquei de passar na Noroeste às 9h. Trago o relato do encontro de oficialização de aceite nesse trecho do diário de campo:

Era dia 5 de outubro de 2018. Cheguei na empresa e logo fui encaminhada pela secretária até a sala do seu Sérgio. Eu estava nervosa, entreguei o documento e já comecei a falar o motivo de eu estar ali e o que desejava fazer. Ele achou bem relevante o tema “apuração jornalística” no recorte local, sob a justificativa de que essa preocupação para com a qualidade da informação e seus processos de checagem também serem questões que movem o jornal, há mais de 45 anos. Após o comentário, ele aceitou que eu realizasse o acompanhamento da rotina de produção no período de uma semana.

Saindo dali, perto de umas 9h30min fui até a sala da redação para falar sobre meu estudo com os redatores e editor do jornal. Para a minha surpresa, ao abrir a primeira porta de acesso ao local onde a redação está instalada, me deparei com uma reunião geral. O editor-chefe do jornal, que fora do contexto da pesquisa vem a ser meu pai, já questiona *falou com o Sérgio?* Ele, o editor-chefe, que se chama Jairo, já sabia da minha intenção de análise do jornal Noroeste, escolhido como objeto de estudo sem nenhuma inspiração de interesse cômodo ou secundário relacionado ao laço parental com um colaborador da empresa

jornalística. Inclusive, isso tornaria mais complexo do que facilitaria o processo de pesquisa de campo, já adiante, foi o que aconteceu.

Voltando ao questionamento de Jairo, eu respondi que sim já havia falado com o Seu Sérgio. Nem terminei de falar e o editor-chefe já foi me orientando para que acompanhasse a reunião geral de pauta que estava acontecendo. Aproveitei a oportunidade e apresentei a mim e a minha pesquisa aos que estavam presentes. Ao longo da minha fala, preciso contar, notei alguns olhares de estranhamento, outros de acolhida e certas posturas de indiferença tanto em relação a minha presença quanto ao que eu dizia estar fazendo ali. Além de mim e de Jairo, estavam presentes na sala: o redator de esporte Luis Carlos Volkmer, o repórter de rádio Peroty, o redator do jornal Jardel, o repórter de rádio Silvio Brasil e o coordenador do Jornal Noroeste (JN), Luciano Mallmann. Um clima de tensão estava no ar, acredito eu, em função de um novo site que entrava no ar naquele mesmo dia. Mas nada constrangedor ou negativo.

Depois desse momento coletivo e surpresa, digamos assim, eu segui até a sala da redação, finalmente, e conversei com um dos redatores, o Jardel. Durante essa troca de informações ele me falou sobre reuniões de pauta, editorias e organização de materiais para produção diária das páginas que são fechadas na quinta-feira. Saí da Noroeste eram quase 11h. Uma dúvida pairava ainda na minha cabeça: analisar a semana de trabalho do dia 7 ao dia 11 [de outubro] ou a outra, com início do acompanhamento no pós feriado do dia 12/10. Isso porque a edição é mais curta em função dessas datas comemorativas que “cortam” um dia da semana e antecipam a circulação que normalmente acontece na sexta-feira.

Depois do meio dia troquei uma ideia com o Jardel e minha orientadora sobre qual a semana de análise seria melhor. Concluímos que aquela sem feriado era mais indicada. Sem mudanças na rotina para que não interferisse ou atropelasse o acompanhamento da pesquisa de campo.

Ainda no mesmo dia, 5 de outubro, no turno da tarde decidi ir até o Jornal Noroeste para observar e compreender o funcionamento da sexta-feira na redação. O Jardel havia dito que os responsáveis pela diagramação montariam, a partir das informações do setor comercial, a paginação da próxima edição, a qual eu analisaria. Por isso, achei importante estar presente e fazer esse trabalho mais exploratório antes de acompanhar de cara a rotina da edição que de fato seria meu objeto final de estudo.

Quando cheguei, 14h30min, não tinha ninguém. Depois de 15 minutos o Jardel apareceu na sala da redação. Começou a produzir o programa de rádio que ele apresenta aos sábados na Noroeste FM, disse: *Mais uns 20 minutos tá Fabi?* Sim, tínhamos, digo temos, um certo grau de intimidade. Estudamos na mesma universidade, Jardel também cursa jornalismo na Unijuí, como eu. Apenas respondi ok, eu aguardo, bem tranquilo. Permaneci observando e anotando.

Após uns 5 minutos vieram os dois diagramadores, o relógio já marcava 14h45min. Então, Jardel e Sandra, uma das diagramadoras, conversaram um pouco sobre as páginas de saúde. Ela perguntou ao redator se ele já havia feito o material. Ele disse que não e em seguida foi para o estúdio gravar chamadas para o programa dele, aquele que estava produzindo mais cedo. Além de ser responsável por grande

parte da produção impressa, por esse programa aos sábados na rádio, Jardel também é responsável por “subir” as matérias para o site e replicar o link nas redes sociais do JN. Legítimo profissional “Bombril”, como eu aprendi nas aulas de marketing da faculdade, para referir-se a profissionais multitarefa, numa brincadeira com o slogan da empresa: “mil e uma utilidades”.

Durante a minha permanência no jornal, nesse primeiro e agitado dia, pude ouvir algumas conversas paralelas interessantes do ponto de vista analítico sobre apuração. Antes de contar o que é, uma contextualização importante: dentre as etapas do processo de checagem de informações, existe uma, a última e importante etapa que é influenciada pela a desatenção, pressa e/ou desconhecimento gramatical: a famosa revisão do material apurado. No Jornal Noroeste, pelo que ouvi, nessa fase do processo, às vezes acontecem falhas, o que não deixei de anotar no diário de campo:

*- Vocês repararam que na última edição acabou saindo um sobrenome, bem conhecido, errado no jornal? Disse alguém que eu prefiro não expor. Logo surge outro, em tom de brincadeira em resposta, - ah não acredito, mas ninguém reparou, nem na aprovação e sequer na revisão. Então tudo certo.*

Apenas ouvi, anotei e senti. Senti muito, afinal estava ali justamente motivada a compreender e demonstrar a importância que a apuração tem na qualidade do resultado e credibilidade da produção final. Mas que nada. Sabemos, erros acontecem. Somos seres humanos e não máquinas, contudo, há formas de ao menos tentar seguir alguns passos para verificar e assegurar que a matéria sairá adequadamente no produto final. Principalmente em se tratando de impresso, que, diferentemente do digital, não se pode corrigir após a publicação, além disso o impresso pode ser guardado, tocado e repassado, perpetuando o sucesso e/ou fracasso. Além disso, hoje e principalmente na região em que nos encontramos, o jornal é um dos principais meios de informação e entretenimento que inspiram confiança e veracidade. “Está lá, eu li, eu vi no Noroeste”.

O autor Pereira Junior (2010, p.77), afirma que a apuração jornalística é uma questão de disciplina. Isso implica seguir um planejamento de ações que organizem a edição e que obedeça uma rotina de apuração em si, sempre em busca da qualidade da informação. Segundo ele há três situações em que se pode ser verificada essa disciplina do processo referido: a) No planejamento da apuração; b) Na revisão do material apurado e c) Na revisão das informações editadas. No caso narrado, houve

falha na revisão de português, um pouco diferente da revisão da apuração, mas que torna-se um erro ao ser veiculado com a grafia errada.

Voltando à análise da rotina do Jornal Noroeste, somente após essa primeira etapa exploratória de pesquisa empírica, dedicada ao conhecimento do funcionamento das rotinas de trabalho, funções desempenhadas pelos colaboradores da equipe, organização das demandas e socialização para tornar minha presença mais amigável foi que parti para a observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Por isso, depois desse último episódio narrado, ocorrido já no final da tarde, perto do horário de saída do Jardel e conseqüentemente o meu, pois a redação ficava vazia, fui para casa animada e cheia de expectativas em voltar na segunda-feira, 15 de outubro para retomar a análise.

Segunda-feira (15/10) - Cheguei na empresa; Jairo e Jardel estavam trocando algumas informações de pautas que receberam e sobre assuntos que movimentaram as redes no sábado e domingo. Aqui, nesse diálogo, nasce o termo usado pelo editor-chefe do Noroeste “Garimpar e-mails”. Não pude deixar de ouvir, anotar e, claro, perguntar do que se tratava. Ele respondeu:

Tiro um tempo, já em casa durante o final de semana, e na segunda de manhã na empresa para garimpar, ou seja selecionar os e-mails que rendem pautas ou que servem como base no desenvolvimentos de outras matérias. Recebo muitos, mas muitos conteúdos mesmo, via e-mail e é necessário verificar o que serve e o que vai fora. (MADRIL, 2018, informação verbal)<sup>2</sup>.

Jardel, por sua vez, estava apurando informações de um *release* que chegou no e-mail do jornal, enviado pela assessoria de imprensa do Hospital Vida & Saúde. Eu fico prestando muita atenção para não perder nenhum detalhe. Após ler a matéria, Jardel anota algumas coisas e pede uma ligação para a responsável pela comunicação no principal hospital da cidade de Santa Rosa. Diz que precisa averiguar alguns dados para ampliar a informação de acordo com o recorte regional.

Ele consegue contato, pergunta sobre os números da matéria, se neles estavam inclusos pacientes de SUS, quais localidades o hospital atendia. O tema,

---

<sup>2</sup> Informação obtida em entrevista realizada durante a observação das rotinas de produção.

pelo que ouvi era relacionado ao tratamento de câncer de mama, em alusão ao outubro rosa.

Ao conseguir as informações, Jardel então edita o material para enviar aos diagramadores e começa a “subir” as matérias para o site. Disse que, segundo orientações do coordenador, devem ser postadas 15 matérias por dia, abrindo o dia com cinco notícias.

No que diz respeito à organização semanal do objeto de estudo em questão, observou-se que é guiada conforme a numeração de páginas, embasada no balanço enviado pela diagramação à redação, que por sua vez é distribuída conforme os espaços vendidos pelo setor comercial. Tal processo fornece para a equipe de redação a noção de quantos materiais deverá produzir para chegar na quinta-feira, dia de fechamento, com a produção do jornal sob controle.

Por esses motivos, foi estipulada uma organização da rotina de trabalho no Jornal Noroeste, correspondente ao número mínimo de páginas, 24, que serve de base também, proporcionalmente, ao número máximo que é variável de acordo com as demandas de cada edição.

Quadro 2 - Jornal com 24 páginas

<b>SEXTA</b>	<b>SEGUNDA</b>	<b>TERÇA</b>	<b>QUARTA</b>	<b>QUINTA</b>
Produção de 2 p. saúde	Produção de 6 p.  Correção de 2 p saúde +2 p.	Produção de 6 p.  Correção de 8 p.	Produção de 6 p.  Correção 8 p.	Produção de 4 p.  Correção 4 p.

Fonte: Elaboração própria, baseada no cronograma de organização do Jornal

Além dessa organização, sou informada que o Jornal Noroeste possui um cronograma de planejamento dos cadernos especiais. Para saber mais sobre essa produção, o Jardel chama uma das responsáveis pelo setor de vendas para explicar melhor sobre o funcionamento e como é pensado esse material. Quem aparece é a Taciara Vargas. Pergunto de que forma são estruturados esses cadernos, ela responde que a ideia é sempre produzir dois por mês, de 15 em 15 dias, mas nem sempre dá certo. Às vezes é lançada a ideia do caderno e ele não vende, mas a ideia

principal é fazer ele quinzenal. Compreende-se então que a relação do conteúdo jornalístico com o publicitário do seguinte ponto de vista: é a venda de anúncios que garante o material, por mais que haja a intenção de fazer, se não vender, não tem.

Questiono a Taciara se esse conteúdo vem de sugestão dos próprios clientes ou é uma decisão interna da equipe da redação. Logo, ela respondeu que é uma decisão interna. O cliente decide anunciar naquela proposta diferenciada, mas os conteúdos são feitos de acordo com a pesquisa e redação interna. Ela enfatiza que:

Os cadernos são feitos pensando nos resultados das edições anteriores, naquilo que mais vendeu. Isso porque, às vezes, quando chega no mês determinado de um caderno é necessário remanejar porque percebemos que não é o momento de maior procura e interesse. Já aconteceu com um caderno de casa e decoração que a gente trocou por outro tema, então fazemos o cronograma sim para ter uma ideia do que vamos fazer durante o ano, só que a realização prática acontece conforme notamos o retorno. (VARGAS, 2018, informação verbal).<sup>3</sup>

Com base no depoimento de Taciara é possível observar ainda, com relação ao conteúdo dos cadernos, que o mesmo não é pautado pelo interesse do leitor, mas dos anunciantes, e é isso que faz mudar o tema.

No que diz respeito às editorias do jornal impresso, nota-se uma divisão generalista e subentendida. O Manual da Folha trata editoria como “Unidade organizacional básica da Redação, responsável pela produção e pela edição de material noticioso de um determinado campo temático.” (2007, p. 112)

Contudo, não há, por exemplo, uma sessão exclusiva de educação. Mas, dentro de NOTÍCIA, são agrupados textos que remetam o tema em um mesmo espaço diagramado.

Na edição analisada, nº 2.626, a página 2, editoria *Notícia*, foi composta pelas seguintes matérias: “Crianças da Cruzeiro do Sul foram beneficiadas com ação”, “Gestão da Tecnologia da Informação da FEMA é destaque”, “Universidade oferta aula gratuito para o ENEM”, além de uma coluna à esquerda, “Espaço acadêmico FEMA”. Ou seja, as produções noticiosas referenciavam instituições de ensino ou estavam ligadas a ações que envolvessem o público infantil e jovem, como pode ser observado na imagem (Figura 1):

---

<sup>3</sup> Informação obtida em entrevista realizada durante a observação das rotinas de produção.

Figura 1 – Página destinada aos temas ligados à educação



Fonte: Reprodução Jornal Noroeste impresso

Em termos gerais, tudo que é de interesse social, sejam registros curtos ou matérias de maior fôlego, são divididas dentro da editoria *Notícia*, e diagramada, separada digamos assim, conforme o grau de proximidade dos assuntos.

Já a página 3, intitulada “Da Redação”, é constituída por notas curtas de diferentes assuntos gerais. Nesse caso, foram: “Cruz Vermelha faz ação aos atingidos pelo temporal”, “Secretária Líria participou do FNDE em Ação”, “Etnia Afro recebe o Sonora Brasil”, “Expoijuí Fenadi encerra neste final de semana”, “Sete filmes em cartaz no Cine Globo”, “Atividades especiais na AABB Comunidade”, “Alimentação especial às crianças”, “Vida & Saúde em Brasília para buscar recursos”, “SEST/SENAT dispõe de simulador para motoristas”, APAE realizou mostra artística, “Região conta com quadra de tênis indoor” e Trans-Nação conquista medalhas na Copa Mercosul”, como pode ser observado na Figura 2:

Figura 2 – Página destinada às matérias da Redação



Fonte: Jornal Noroeste impresso

Além desse segmento de notícias, há o espaço intitulado *Voice*, dedicado à divulgação social, com muitas fotos acompanhadas de breves descrições e anúncios comerciais. Também há páginas de saúde (que compõe uma editoria própria), segurança pública (que entra na cartola de Notícia) e classificados. Há, ainda, uma página de opinião, que conta com três colunas fixas. Por último há a página de esporte (entra sob cartola de *notícia* também), que busca dar espaço aos times e competições locais e regionais. Ao todo, nesta edição analisada, foram 10 páginas inteiras de *notícia*, duas de *saúde*, uma *policial*, uma de *classificados* e uma também de *opinião*.

A organização do jornal e a escolha dessas matérias que ganham destaque na versão impressa, seguem a linha editorial do veículo que, segundo o editor-chefe Jairo Borges Madril poderia ser classificada como independente, aspecto que é exemplificado por ele durante entrevista:

Nós não defendemos ninguém em detrimento de outros, isso na área política, mas nossa linha editorial assume também mais dois aspectos importantes que se soma a essa independência político-partidária. Nos preocupamos muito em destacar os aspectos positivos gerados à



comunidade. Uma FENASOJA, por exemplo, ela é sustentada, aliás todos os movimentos de cidade de Santa Rosa são sustentados pelo voluntariado, assim como Musicanto, o Hortigranjeiros e os seus clubes de Rotary da cidade são. Nesse sentido, nós procuramos dar notoriedade ao voluntário, ao líder voluntário, àquela pessoa que se dedica, e principalmente ao empreendimento. Outra questão que se destaca na nossa linha editorial é o movimento social assistencial. Procuramos dar apoio a essas entidades que seguidamente convivem com dificuldades Apae, Apada, Lar dos Idosos... enfim, trabalhamos aspectos positivos da nossa comunidade, os empreendimentos novos que surgem, não importa o tamanho e onde está, nós entrevistamos, fotografamos, registramos pequenos, médios empreendimentos e isso por iniciativa da editoria, não sob ordem de orientação do departamento de vendas. Nesse aspecto também quero colocar uma coisa que considero extremamente importante na história do JN, e aliás eu nunca abri mão disso e se um dia isso mudar vou respeitar, porque não sou dono, sempre tive plena liberdade de fazer assim e por enquanto é assim! Uma nova loja de um empreendedor local é uma notícia que reflete no comercial, mas o objetivo principal é refletir na comunidade a notícia. (MADRIL, 2018, informação verbal).

Em resumo, percebe-se que a linha editorial foca em três pilares específicos: posicionamento apartidário, ênfase nas ações sociais e foco no voluntariado. Relacionado ao primeiro item, vale ressaltar que o Jornal Noroeste admite posicionamentos, mas dentro do espaço opinião, onde as colunas são assinadas e cabe ao leitor concordar ou discordar, gostar e ler ou não gostar e não ler.

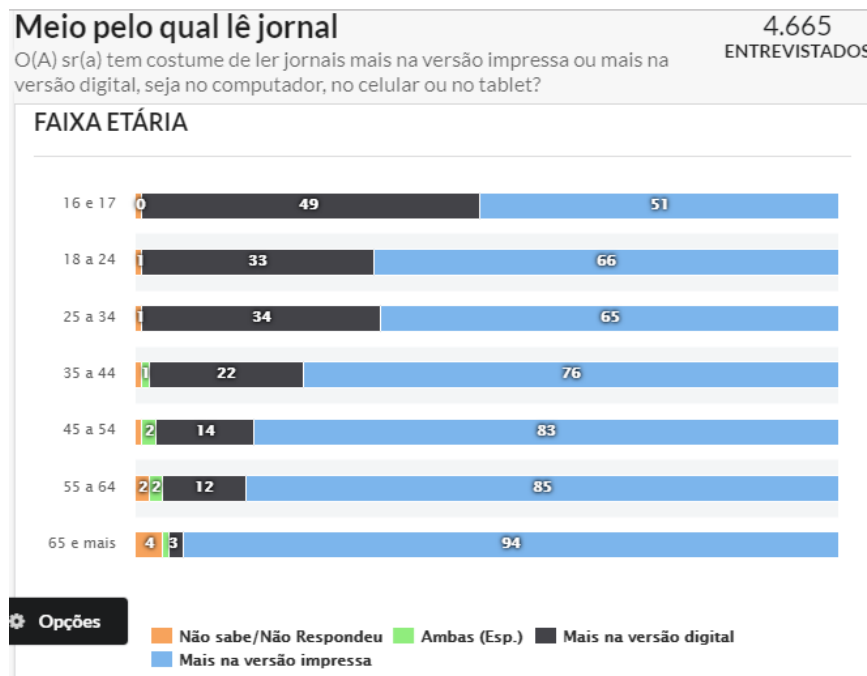
O perfil do público, segundo Madril (2018), que lê o Jornal Noroeste é diverso, em termos socioeconômicos. Inclusive, dentro desse contexto, destaco uma colocação interessante do editor-chefe Jairo ao definir o leitor do periódico regional: *“Eu não classificaria por classe e sim por comprometimento com a comunidade. Jornal não é pra quem tem dinheiro, jornal é pra quem gosta de ler e estar bem informado”*. Ele ainda complementa que vivemos uma tendência, no mundo inteiro, onde o público de jornal impresso situa-se na meia para terceira idade.

Isso não é só no Jornal Noroeste, é na ZH, Folha de São Paulo, The New York Times... Nós acompanhamos este tipo de debate estadual, nacional, internacional. Hoje vivemos uma revolução da tecnologia da informação, então o jovem por opção quer uma leitura mais à mão e sendo mais à mão, que não o prenda com tempo, os historiadores diriam que isso é uma leitura mais superficial, eu acho que não, acho que isso atende a um público que se chama público jovem. Nós antigamente quando éramos jovens, não me lembro sinceramente de ler jornal, então às vezes quem critica a superficialidade das redes sociais deveria fazer uma retrospectiva e se perguntar se com 15 anos ele lia jornal, nem tínhamos acesso ao jornal. Resumindo, papel, ele é

muito mais para meia idade e terceira idade, mas com exceções de alguns grupos de jovens. (MADRIL, 2018, informação verbal).

Segundo dados divulgados pela Pesquisa Brasileira de Mídia 2016<sup>4</sup>, dos 4.665 entrevistados que leem jornal, na região sul do País, preferem fazer isso na versão impressa, o que corresponde a 77%, enquanto apenas 21% prefere ler na versão digital, seja no computador, no celular ou no tablet. Outro dado que chama a atenção é que 94% dos entrevistados na faixa etária de 65 anos, leem mais jornal na versão impressa, como podemos observar no gráfico (Figura 3).

Figura 3 - Gráfico / Faixa etária



Fonte: Elaborado pela Pesquisa Brasileira de Mídia 2016

Esses resultados estão ligados ao depoimento, dentro do contexto regional e tradicional, de Madril (2018) sobre o público que lê jornal compreender a 3ª idade.

Até aqui explanei questões gerais, e importantes, do jornal em termos de forma. Nesse sentido, vale compreender de que forma essa equipe tão enxuta divide as demandas de produção. Segundo Jardel, a organização é a seguinte: Jairo fica com capa, contracapa e opinião (coluna), Luis Carlos com páginas de esporte, Eunice, uma

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://pesquisademidia.gov.br/#/Jornal/details-1203>>

das responsáveis pelo setor de vendas, com páginas sociais e ele com as demais páginas de notícia internas.

Contudo, observei que existe uma troca constante de informação e de pautas também entre redator e editor. Por isso, questiono Jairo sobre essa divisão de trabalho. Ele responde, de forma comumente nada breve e muito enfática que:

Qualquer matéria complexa, no sentido de ter um potencial explícito ou implícito de gerar ponto e contraponto ou não estar bem claro, passa por mim! Eu sou o editor chefe, independente da divisão do setor. Então o Jardel trabalha com as informações que a comunidade traz. Hoje, Santa Rosa finalmente cresceu com a chamada assessoria de imprensa, entidades de classe, prefeituras, hospitais, movimentos grandes estão mais organizados, então a informação chega e não é preciso fazer reunião de pauta, você vai atrás e complementa quando está incompleta ou quando não está rica em detalhes e tem informação que sim, a gente pauta! E o Jardel busca essas informações e eu fico com a capa e contracapa, mas o Jardel participa, há um envolvimento entre a divisão técnica de páginas. (MADRIL,2018, informação verbal).

Exemplificando esse envolvimento, a página de polícia, por exemplo, que é interna e no esquema descrito por Jardel, fica com o Jairo. O editor-chefe destaca algo muito interessante sobre essa produção, especificamente, que vale a pena trazer na íntegra:

A página policial que fazemos tem uma proposta diferenciada, não faturamos em cima da desgraça de ninguém. Nós fazemos polícia no Jornal Noroeste com a missão pedagógica. Um exemplo: têm pessoas que insistem em andar com arma branca dentro de um banco, achando que aquilo ali é comum, mas não é. Então quando dá um caso desses que o cara vai preso, a gente traz essa informação sem dar o nome, conta a ocorrência para as pessoa entenderem que não devem sair com arma branca, porque é uso ilegal! Esse é o aspecto pedagogo, ensinar as pessoas. (MADRIL,2018, informação verbal)

Vale destacar que, academicamente, se discute que não se deve fazer jornalismo policial e sim jornalismo de segurança. No entanto, percebe-se a intenção responsável e criativa por parte do editor-chefe ao dar sentido educacional às pautas trabalhadas nesse segmento. As páginas policiais geralmente são espaços onde muitos termos e o próprio olhar dado às matérias é desestimulante à vertente da educação e do respeito. Nota-se uma preocupação com a qualidade e com a representatividade que as informações produzidas pelo Jornal Noroeste despertam na vida da comunidade leitora. Essa postura de quem se importa, de quem deseja contar e alertar o outro utilizando como case a ocorrência policial para motivar não

repetir o erro ao invés de se aproveitar e fazer daquele incidente um espetáculo ou pior, mais uma situação corriqueira sem peso nenhum na sociedade, demonstra comunitário do jornal impresso.

Após essa explanação, recapitulando a narração dos dias de análise, agora estamos no dia 16 de outubro, uma terça-feira. Nesse dia decidi dedicar a maior parte do tempo para observar e conversar com o Jardel, redator do Jornal Noroeste, sobre questões de apuração especificamente. Aproveitei para realizar perguntas da entrevista semiestruturada, mas também cada momento em que notava necessária uma interferência, articulava mais perguntas.

Cheguei no jornal no horário de sempre, perto de 9h da manhã, para poder participar da reunião de pauta geral dos veículos e depois das conversas entre o redator e o editor-chefe. Eles não chamam de reuniões de pauta, eles trocam informações e dividem funções. Como a equipe é reduzida, extremamente reduzida, acaba que eles precisam a todo momento se certificarem de quem vai fazer o que. É interessante notar que a organização se dá muito mais pelo material que é recebido do que pela disposição interna dessa redação.

Ah, tem outra coisa que me chamou a atenção. Existe uma pasta dentro do sistema compartilhado de computador chamada GERAL, ali tanto os responsáveis pelo impresso, quanto site e rádios produzem, disponibilizam e fazem uso dos textos. Fiquei em dúvida se isso não causaria repetição ou os confundiria. Jardel disse que, *“mesmo que a informação seja a mesma, tudo que é posto ali vai ser adaptado, o texto de jornal não é o mesmo que do rádio, como o do site não fecha com a proposta de linguagem e formato do jornal impresso. Então isso é um acervo geral dos principais fatos que acontecem na cidade”*. Aqui algo brilha aos meus olhos. Se é feita uma adaptação, então certamente o processo de apuração também é utilizado para explicar algum e outro detalhe, para instigar a contatar outras fontes, certo? Errado! Tá, estou exagerando... não está 100% errado. É que pelo que eu pude observar os repórteres da rádio são como pauteiros que estão nas ruas produzindo conteúdo e cobrindo eventuais acontecimentos.

Depois dessa fase de averiguar, *“como testemunha ocular da história”*, (Repórter Esso), esses profissionais redigem em formato de roteiro para rádio a notícia e colocam lá na pasta GERAL, quase que como em tópico sem profundidade, não disse sem apuração, mas mais sucinto, o que está adequado ao veículo que será noticiado. A questão é: os redatores podem apenas reproduzir aquele conteúdo, fazendo adaptação apenas de linguagem e não agregando valor ao conteúdo. Por se tratar de uma equipe enxuta, uma edição semanal é cabível que os redatores utilizem dessa prévia, a base, de apuração dos materiais dispostos em GERAL, permanecendo dentro da redação e dando sequência às etapas do processo de checagem. Essas são algumas das impressões que sinto serem relevantes de serem apontadas. Vamos em frente, é só o segundo dia.

Depois de anotar e observar, até entrevistar em diferentes momentos o Jardel, pude perceber que de fato a construção da pauta, a decisão sobre o que é notícia é uma ação conjunta, enquanto Empresa Jornalística Noroeste, que é aplicada segundo a subjetividade de cada setor. Nessa terça-feira, ouvi, tomei nota e perguntei muitas coisas, principalmente para o Jardel que nesse início de análise foi quem mais me acompanhou e relatou.

Saí do Jornal Noroeste nesse dia 16/11 perto de 16h, quando o redator foi para casa. O editor-chefe, no começo da semana, parece não ficar o dia todo, cumpre algumas horas de manhã e parte da tarde. Essa liberdade, digamos assim, pode ser conferida à organização entre redator e editor-chefe que delimita um menor número de páginas a serem escritas por Jairo. Enfim, fui para casa com a memória cheia, a minha e a do celular, muitas gravações, muitos diálogos fixados, fora o mapeamento que eu tentava estrutura para compreender de que forma essa apuração funcionava naquela redação.

O dia 17/11 foi dedicado a relacionar tudo que havia compreendido em termos de organização, estrutura e rotina para analisar na prática a apuração que era realizada a cada pauta que surgia via e-mail, telefonema, *WhatsApp*, reclamação, via pedido “em nome da amizade que tinha com Seu Sérgio, pelos anos que é assinante, ou pelo simples fato de morar em Santa Rosa a tanto tempo”.<sup>5</sup> Tudo isso motiva as produções autorais do jornal, por sugestão, por acontecimento, por relevância, mas nunca por mero favor. Toda essa contextualização era para trazer à luz o cenário em que essa redação trabalha.

Na quinta-feira, 18 de outubro, é possível, desde cedo (cheguei como de costume às 9h) sentir o clima de fechamento do jornal. O silêncio é mais recorrente, assim como a concentração, sem tantas conversas paralelas e interrupções na sala de redação para finalizar a edição. Nesse trecho do diário de campo narro os primeiros “acontecimentos” desse dia importante e que requer o dobro de atenção da equipe:

A diagramadora, Sandra, entra na sala e traz uma folha impressa, pede ao editor-chefe, Jairo, que nesse dia comparece em tempo integral, se está ok a mudança feita para adequar o espaço destinado a uma matéria que ele havia enviado. Se tratava da capa da edição. O editor havia construído o seguinte título: Entra em operação a nova unidade do Hospital Vida & Saúde. Contudo, para deixar a foto do espaço que era o enfoque da matéria em um tamanho bom, alinhada ao texto que ocupava mais de meia página, Sandra disse que, dividiu o título, adicionando Hospital Vida & Saúde como se fosse uma cartola na página, com destaque em tarja azul, seguida do título em negrito: *Entra em operação a nova unidade*

A ilustração do momento detalhado no diário de campo pode ser observada na figura 4:

---

<sup>5</sup> Durante a quarta-feira, 17, algumas dessas frases, quase que parecendo brincadeira ou combinado (para a minha sorte) foram proferidas por cidadãos que se dispuseram a ir até a sala da redação para “pedir uma mão” que só seria estendida se o tema fosse relevante para a sociedade, de acordo com a visão da equipe.

Figura 4 - Capa da edição impressa do jornal analisado



Fonte: Jornal Noroeste impresso

Pelo que pude captar, com base na dedicação e ritmo com que a equipe do jornal trabalhava, o período da manhã no dia de fechamento é mais intenso que a tarde. Isso se dá em função do prazo da gráfica. As páginas devem ser fechadas e já encaminhadas para não atrasar a impressão. Para compreender melhor o que estou me referindo trago a explicação dada pelo redator Jardel sobre a impressão e rodagem do Noroeste:

O jornal precisa estar na gráfica o quanto antes para ele rodar, como ele é impresso em Porto Alegre e vem com o mesmo transporte que traz a Zero Hora, as páginas precisam ser enviadas até as 18h30min. Assim o jornal chega em Santa Rosa por volta das 5h da manhã de sexta-feira. Se houverem atrasos e não conseguirmos concluir o jornal até esse horário, temos uma segunda opção que é enviar até as 19h. O que muda? A partir desse horário eles imprimem o jornal, ele vai para o final da fila porque eles imprimem diversos outros jornais, e daí ele é encaminhado pelo ônibus das 11h e chega em Santa Rosa mais tarde. O nosso objetivo é sempre entregar o jornal na primeira hora da manhã para que quando o assinante acorde o jornal já esteja na porta da sua casa, então é priorizado enviar até as 18h30min. (HILLESHEIM, 2018, informação verbal).

O meu dia de acompanhamento desse fechamento basicamente foi analisando as trocas e ligações entre diagramação, redação e editores. Em relação a isso vale

destacar a integração que existe. Mais de uma vez a diagramadora Sandra chamou o Jairo para conferir os espaços destinados aos materiais que ele havia mandando, argumentando que precisaria encurtar o texto ou retirar a foto. Nessas situações o editor-chefe se dirigia até o computador da diagramadora e editava dentro da própria caixa de texto do *software* de editoração para que a notícia coubesse, sem perder o sentido, dentro do espaço delimitado da página.

Tudo ocorreu bem dentro do que estava previsto e as páginas foram enviadas no horário padrão, que prioriza a chegada do jornal mais cedo na cidade para que seja distribuindo dentro do prazo preferível para melhor atender aos assinantes locais e regionais. Por isso, saí da redação do Jornal Noroeste às 17h30min quando tudo já estava encaminhado; saí de lá inclusive acompanhada do Jardel e do editor-chefe Jairo. Dever cumprido! Trabalho analisado!

A sexta-feira, dia 19 de outubro, é mais tranquila e então a equipe reinicia o trabalho de redação que adianta páginas de saúde, por exemplo, para segunda.

Meu último dia no Jornal Noroeste foi de fato a quinta-feira, de fechamento, pois na sexta passei na redação apenas para agradecer a oportunidade cedida e retirar meu exemplar da edição, que serviria de apoio, quando decupasse todo o material do trabalho de campo realizado no veículo. Foi uma experiência cheia de emoções, digo isso, pois ser jornalista e estar inserida em um ambiente que respira texto, apuração, contato direto com fontes, investigação, resultado, manchete, furo de reportagem... enfim que traz aquele lado prático do que se estuda quatro anos na universidade é revigorante mas também provocativo. Há momentos em que me vi fazendo o que visualizava, outros em que me indignava e repetia para mim mesma: eu vou ser a diferença, talvez essa não seja a melhor forma de fazer isso. Tudo é aprendizado, a ideia aqui não foi desconstruir ou apontar erros e acertos, apenas analisar as formas, a técnica, a organização, os tratamentos dados às fontes, às pautas autorais e aos *releases*, bem como a interação entre os membros de equipe e as divisões de tarefas entre si.

Dentro desse viés de sentir-se jornalista, é importante compreender o modo como os profissionais se veem dentro da empresa, como se sentem sendo jornalistas ou desempenhando tal função. Começando pelo editor-chefe que destaca a importância e intensa troca de conhecimento e experiência do trabalho em equipe no Jornal Noroeste:

Ah, eu me sinto bem, eu aprendo com o Jardel, o Jardel aprende comigo, todo mundo aprende com todo mundo. Não tem coisa mais linda no mundo do que você trabalhar em equipe. Por exemplo, o Jardel vai lá no Fórum, e eu já estou ligando para o acusado. Daqui a pouco o Jardel chega com a denúncia que obteve do Fórum e eu já tenho o contraponto do acusado, nós dois compomos o texto, fizemos isso para o Jornal Noroeste, é o jornal quem saiu ganhando e nós por via de consequência também. (MADRIL, 2018, informação verbal).

Já o redator destaca o empenho com que realiza a função, enquanto acadêmico de jornalismo, mas pondera algumas questões relacionadas ao trabalho dentro da redação de um jornal de interior:

A equipe é reduzida e tenho que assumir diferentes e muitas responsabilidades ao mesmo tempo. O material final poderia ser melhor, com mais apuração, com mais fontes ouvidas, com mais reportagens, mas o tempo ele se limita principalmente na realidade do interior; tipo está eu numa sala tendo que produzir matérias pra radio de manhã, atualizar o site, sendo que se dá um problema eu preciso ir lá, enfim dificulta, mas é a realidade que temos e damos conta todos os dias com dedicação e realização. (HILLESHEIM, 2018, informação verbal).

Depois desse relato, partimos para sessões específicas de aspectos que merecem destaque dentro da construção da observação participante realizada no veículo de Santa Rosa. Até aqui foram apresentadas considerações acerca do acompanhamento realizado no jornal, em ordem cronológica, com base nos depoimento do diário de campo e entrevistas feitas com os profissionais da redação como foco organizacional. A apuração jornalística foi evidenciada nas entrelinhas das situações narradas, mas a partir daqui ganham mais espaço de discussão, sendo compreendida através da produção autoral e no tratamento de *releases*.

### **4.3 Apuração no Noroeste**

Segundo Pereira Junior (2010, p.73), a rotina de apuração é “a pedra de toque da imprensa, seu álibi, a condição que faz um relato impresso ser jornalismo, não literatura”. O autor acrescenta:

Os métodos são em geral informais e localizados, nem sempre generalizáveis e aprendidos por osmose, na base da tentativa e do erro, raramente transmitidos por editores ou faculdades. Não há regras-padrão-universalizáveis ou método de observação consensual. (PEREIRA JUNIOR, 2010, p.73).

Quando falamos em apuração jornalística, estamos, portanto, relacionando diversas práticas, enquanto técnicas e habilidades exercidas pelos profissionais da área do jornalismo, que configuram etapas de um processo de checagem de



informação. Podemos destacar, nesse sentido, a observação de algum fato marcante e de seus desdobramentos, por exemplo, seguida de entrevista com fontes ligadas ao acontecimento ou que representem significativa necessidade de declaração na produção noticiosa. Após, seria realizada a pesquisa de documentos e solicitado o acesso a outros materiais e dados de natureza técnica que possam colaborar na compreensão completa do fato apurado.

Vale ressaltar que ao longo das mudanças e modernização das formas de se fazer jornalismo, bem como atuar como um jornalista, a produção de notícias passou a ser uma atividade coletiva, que demanda do repórter uma postura profissional baseada na operacionalidade de suas ações e metas, que podem ser notadas em casos de pauta pré-definida, embasada em critérios de noticiabilidade dos acontecimentos e cujo exercício é monitorado por outros profissionais da área. (SANTI, 2010).

Durante a análise do objeto de estudo escolhido, Jornal Noroeste de Santa Rosa, além dessa dinâmica, de certa forma padrão e automática de apurar um fato e transformá-lo em notícia, observaram-se dois pontos particulares: a apuração voltada à produção autoral desse jornal e o enquadramento dado aos *releases* enviados por assessorias de imprensa da região, seja de empresas segmentadas com representantes ou órgãos como prefeitura.

#### 4.3.1 Produção autoral

Partindo para a rotina de produção de matérias autorais, em entrevista, cedida durante muitas de nossas conversas durante a semana de acompanhamento, pedi ao Jardel para narrar qual é o processo de apuração nesses casos, o que nos leva a essa construção, detalhada:

Vamos lá, a gente trabalha com fontes né, daí a gente vai fazer uma matéria sobre desemprego, matéria autoral do jornal, aí entra no site do CAGED olha os dados, liga para o SINE de Santa Rosa, questiona esses dados, se eles têm ciência desses fatos. Ligo para a Secretaria de Desenvolvimento do município, questiono os dados e pergunto que ações estão sendo feitas para reativar o emprego para abrir vagas em Santa Rosa nesse sentido. Casos específicos também são base de informação e produção noticiosa. Se uma pessoa nos liga lá do bairro Planalto e diz que tem um problema de esgoto, por exemplo, a gente aciona os repórteres da rádio, os repórteres da rádio vão conversar com a pessoa e fotografam. A gente pega esse material, liga de novo

para essa fonte, que a gente vai ter o contato depois da visita do repórter, e liga para o setor competente que é responsável no caso de serviço que não está sendo prestado ou deixou de ser prestado. A gente confronta essas informações e busca respostas do setor responsável por isso. (HILLESHEIM, 2018, informação verbal).

Segundo Jardel (2018), “cerca de 80% da produção do jornal é autoral “. Ele ainda acrescenta, em conversa fora do roteiro de entrevista, que as matérias são construídas do zero, a partir de uma sugestão. No que diz respeito às fontes, o redator afirma que são escolhidas conforme o tema da notícia: “a gente busca relacionar, além disso é pratica comum entrevistar mais de uma fonte para um mesmo assunto. (HILLESHEIM, 2018)

Dentro desse contexto, quando existe alguma dúvida em relação ao que uma fonte falou, questionei o redator se é publicado mesmo assim, atribuindo a responsabilidade a ela, ou se o jornal tem como hábito averiguar. A resposta foi a seguinte:

Nós investigamos! No caso de uma ponte que teve no bairro São Francisco, por exemplo, o secretário disse que era 80 mil reais o custo da ponte. Nós fomos buscar de onde saiu esse dinheiro, quanto foi o investimento e no que foi aplicado. Acabamos apurando que foram 18 mil reais destinados a ponte e o restante não foi declarado. Confrontamos a informação dele com dados oficiais e não apenas reproduzimos. (HILLESHEIM, 2018, informação verbal).

O editor-chefe reforça a afirmação do redator, no sentido de que a pauta é que determina quem serão as fontes. Ele relembra, em trecho retirado da entrevista cedida para a realização dessa análise, de que forma essa relação com as fontes acontecia antigamente:

Antigamente quando comecei a fazer imprensa, sou um autodidata, me orgulho disso! Mesmo que eu gostaria de ser um jornalista formado. Antigamente éramos orientados a formar o que os mais antigos chamavam de rede. Um bom profissional de imprensa tem que cativar suas fontes, para criar uma rede de fontes. A pauta que vai delineando quem procurar. (MADRIL, 2018, informação verbal).

É possível observar, com base nos depoimentos dos membros da equipe de redação do Jornal Noroeste que, mesmo que convivendo e aprimorando suas técnicas e noções acerca do processo de construção e revisão da pauta de forma individual, existe uma sonoridade na hora de aplicar métodos e conceitos à prática.

O próximo tópico abordará outro viés bastante chamativo e que recebe tratamento na redação frente às incansáveis reproduções rasas que são

frequentemente vistas e propagadas até atingirem o status de *Fake News*. Estou falando dos *releases*.

#### 4.3.2 *Releases*

Embora qualquer tipo de material informativo encaminhado à imprensa possa ser considerado *release*, é comum caracterizá-lo como documento estruturado na forma de matéria jornalística. “Caso utilizado e ainda que divulgado na íntegra, como notícia, provavelmente não será informado ao público a origem da informação (*release*) nem identificada a autoria do texto (o assessor)”. (DUARTE, 2010.p 309).

Segundo o mesmo autor, a qualidade do *release* está relacionada ao interesse que possa gerar ao público do veículo, o que vem ao encontro da realidade do meio de comunicação analisado neste trabalho.

No Jornal Noroeste, o que leva o editor e o redator a optarem por publicar algum *release* está ligado à importância e à relevância do assunto. É produzido algo novo tomando o *release* como sugestão de pauta. (HILLESHEIM, 2018). O editor-chefe, Jairo, reitera que recebe muitos *releases*, diariamente:

Ah! Pessoalmente eu recebo hoje em média de 450 a 600 e-mails por dia. Só que recebo muitas coisas desnecessárias, mas leio todos os títulos pra ver o que é útil. Hoje o grande cuidado que temos que ter é não tornar a imprensa muito simplista, simplória e por via de consequência pobre, pois as informações, elas mesmas se atiram no nosso computador. A informação boa é aquela que você retroalimenta. (MADRIL, 2018, informação verbal).

Ao acompanhar os processos de recebimento e tratamento de sugestões de pauta no Jornal Noroeste é possível constatar que existe uma preocupação em reaproveitar e não reproduzir os conteúdos que são enviados. Durante o tempo em que estive diariamente observando, muitos dados foram checados, matérias complementadas. Mesmo que transcrito, ou aproveitado algum texto que seja publicado em linhas tais quais enviadas, há o processo de edição através da redistribuição dos parágrafos e informações importantes, bem como adequação ou corte, quando os caracteres ultrapassam o espaço destinado ao conteúdo.

O redator do jornal narra, em detalhes, um exemplo dos processos de apuração em caso de *release*:

Recebi um *release* informando que o Hospital Vida & Saúde está com o outubro rosa, fizeram uma foto dos médicos vestidos de rosa, destacaram que o prédio está iluminado em tons de rosa e também que realizam mais de 800 atendimentos de casos de câncer de mama na unidade. O último dado sim me chamou a atenção, o que eu fiz? Entrei em contato com a assessoria do hospital e perguntei quais eram os municípios atendidos, isso correspondia a quantos por cento... Então a gente pegou um *release* e produziu uma matéria em cima disso, usamos a informação que foi enviada, enfocamos o que achamos mais importante e em cima disso criamos uma pauta, onde foi ampliada a informação, relacionado ao mês de conscientização. A assessoria ficou de enviar também uma fala de um médico que a gente vai usar com abre aspas e fecha aspas para complementar. (HILLESHEIM, 2018, informação verbal).

Com base nas impressões observadas até aqui, em relação à produção proveniente de sugestões de pautas, compreende-se que os *releases*, funcionam como “ajudantes”, fundamentais que colaboram na produção do jornal impresso. Nada é meramente copiado e colado; ao menos durante o período de análise observou-se um esforço de apuração e modificações desses materiais especificamente.

#### 4.4 Digital e impresso

O desafio de muitos veículos que atuam no meio digital e impresso é manter uma organização que possua a periodicidade das notícias factuais que o digital exige, ao mesmo tempo em que deve ser preservado o caráter diferencial de uma assinatura impressa, onde são explorados aspectos de conteúdo e contexto, mais aprofundado do que encontrado nos sites, por exemplo. No caso do Jornal Noroeste, que possui a veiculação de um jornal semanal e que está inserido no meio digital, com um site de notícias, existe um cuidado no tratamento das notícias e segmentação dos assuntos factuais retrabalhados segundo formato, linguagem e profundidade.

O Jornal Noroeste, busca trazer a informação mais enxuta no site e a mais completa no jornal. Fato que o redator do Noroeste explica no seguinte trecho de entrevista:

Um exemplo bem prático para compreender de que forma organizamos e dividimos as abordagens para o digital e o impresso: o prefeito morreu [caso hipotético], manchete do site com informações básicas de quando, como, onde, causa e velório. Na sexta, para edição impressa é preparado todo um material falando do histórico pessoal e político, trajetória, maiores feitos do prefeito. A causa da

morte é complementada, já que nessa altura mais informações foram apuradas e liberadas inclusive. Então vamos explorar de outra forma, falaremos da vida até chegar no fato da morte do prefeito. (HILLESHEIM, 2018, informação verbal).

A preocupação em diferenciar o tratamento para o digital e para o impresso é importante, adequando o conteúdo às lógicas das diferentes linguagens. Contudo, notamos uma sobrecarga de trabalho para o redator, que tem um acúmulo de funções. Dois meses após a semana de observação, o jornal contratou uma estagiária de jornalismo para auxiliar especialmente nas questões que envolvem o digital, o que demonstra uma preocupação da empresa em contemplar as diferentes linguagens.

#### 4.5 Considerações sobre a análise

Os dias de análise no Jornal Noroeste foram muito produtivos, renderam muitas discussões, descartando inclusive a hipótese de que, por não possuir um número de colaboradores suficiente na equipe para desempenhar uma apuração mais eficiente, em função das diversas demandas somadas à produção semanal, o jornal adotaria a postura de reprodução ao invés de checagem de informação. Constatação que refletiu na segunda hipótese de maneira positiva, uma vez que supunha posturas mais ativas ou passivas perante o processo de apuração e o uso de *releases* enviados por assessoria de imprensa. No caso do Jornal Noroeste, a postura observada foi ativa, já que havia preocupação em atestar dados, checar informações e questionar novos aspectos para a construção da notícia.

No início, durante o preparo para entrada no trabalho de campo, tinha-se a ideia de que o tópico *release* renderia muito. Na prática, notou-se que o jornal apropriou-se de uma perspectiva que faz uso, mas não abusa das sugestões de pauta enviadas, que são retrabalhadas antes de ser veiculadas. Uma surpresa foi vislumbrar potencial em um tema que, supostamente, serviria de complemento da análise, e que ganhou destaque foi a relação e o tratamento, bem como estratégias de publicação por parte da redação quando dos conteúdos impresso e online. Tornou-se válido compreender de que forma as duas produções eram manejadas sem que uma anulasse a outra, no sentido de render enquanto pauta.

Nesse sentido observou-se uma consciência nítida das criativas formas de explorar no impresso mais detalhes e depoimentos e no online as propostas mais curtas, explorando fotos, vídeos e chamadas em sites de redes sociais.

Sobre a apuração jornalística, é válido ressaltar ainda, que ao se pensar nas etapas de Pereira Junior (2010), o Jornal Noroeste desempenha sim uma rotina de checagem. Ela não é estruturada, mas visivelmente baseada na experiência e intuição dos jornalistas responsáveis. Importante observar que, até a finalização desse trabalho de campo, o jornal contava com apenas um jornalista formado, Luciano Mallmann, e um acadêmico na área, Jardel Hillesheim.

Nota-se que quando se trata de filtros, referenciados por Fonseca (1995), facilmente identificamos o papel do editor. Tanto Jairo Madril, editor-chefe, quanto Jardel assumem a função de definir o que é pauta, o que é de interesse local e regional e a melhor forma de transcrever isso para que chegue ao conhecimento do público leitor.

Como Dorneles (2010), enfatiza ao longo dos diálogos que trazemos para o texto, é determinante o papel que a geografia desempenha na definição de informação local. “(...) O jornalismo do interior, além da questão geográfica, pode ser reconhecido por outras características próprias por serem do interior (...)”. Essas características estão ligadas aos temas de interesse comunitário, à importância das fontes e a credibilidade delas pelo valor de sua representatividade na cidade local. Pelo aspecto de proximidade, de importar-se com “o vizinho”. Nesse contexto, observa-se o caráter de jornalismo feito para a comunidade, valorizando ações e entidades que atuam de forma importante em prol do coletivo regional, foco do próprio Jornal Noroeste.

## 5. CONCLUSÃO

Por todos os aspectos apresentados até aqui podemos concluir que as contribuições do jornalismo na sociedade serão sempre importantes, tanto na construção do conhecimento coletivo, quanto na reprodução, subjetiva, da realidade. Tudo isso em nível de informação, esclarecimento e contextualização de fatos e acontecimentos sociais. Como afirma Traquina (2010, p.210): “O jornalismo é histórias acerca da vida, das estrelas, das tragédias e dos espetáculos (...)”.

Cabe aqui, destacar a importância dos profissionais da área, os jornalistas, que hoje em meio a tantas inovações e facilidades digitais veem-se frente ao desafio de produzir cada vez mais conteúdos em menos tempo. Afinal, o público que antes era apenas receptor hoje atua também como emissor de mensagens, e inclusive, serve de filtro no processo de apuração já que estimula através do retorno, aquilo que os jornalistas devem ou não continuar mantendo na forma e nos temas de divulgação.

Ao voltarmos o olhar para os jornais de interior, a perspectiva de valor e relevância da área e principalmente dos profissionais responsáveis por veicular as notícias, torna-se ainda mais evidente. A dinamicidade com que os jornalistas precisam exercer suas funções, dando conta, com a equipe enxuta, das demandas diárias, semanais e/ou mensais é inerente ao cenário regional. O que não significa, necessariamente, um atributo positivo, pois o grande fluxo de demandas acaba atrapalhando o processo de apuração mais cuidadoso, aumentando as chances de haver falhas em alguma etapa. Nesse sentido, com a contratação de uma estagiária para responsabilizar-se pelo digital, o Jornal Noroeste demonstra essa preocupação com a qualificação da informação e de sua equipe ao redistribuir funções.

Em suma, compreender a realidade local, principalmente estudar com mais profundidade de campo a apuração jornalística exercida por equipes de jornalismo locais sugere reflexões mais próximas às práticas e realidades sugeridas pelas teorias. A produção científica que esmiúça cada etapa, técnica e relacionamento entre os atores sociais envolvidos, dentro e fora das equipes de jornalismo, é pouco explorada, por isso a importância de trazer esse tema à tona por meio de uma abordagem participativa.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: EDUSP/ComArte, 1990. (Clássicos do Jornalismo brasileiro).

CAMPONEZ, Carlos. Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In CORREIA, João Carlos. **Âgora@ Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades**. Portugal: LabCom Books, 2012.

DORNELLES, Beatriz. O localismo nos jornais do Interior. Porto Alegre: **Revista Famecos**, 2010.

DUARTE, Jorge. Release: história, técnica, usos e abusos. In DUARTE, Jorge (org). **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. São Paulo: Atlas, 3ª Ed. 2010.

FONSECA, Virginia. **Edição jornalística**. Ijuí: UNIJUÍ, 1995.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOMES, Helton Simões. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 08 de novembro de 2018.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: SUMMUS EDITORIAL LTDA, 1997.

LOPEZ, Debora Cristina; RUTILLI, Marizandra. Aproximações a uma abordagem teórico-metodológica a partir do Newsmaking. In: BARICHELO, Eugenia Mariano da Rocha; RUBLESCKI, Anelise (orgs). **Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens**. Santa Maria: Facos – UFSM, 2014.

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG.; CASTRO, PA (orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MORAES JÚNIOR, Enio; ANTONIOLI, Maria Elisabete. Jornalismo e newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online. In **Revista Alterjor**. São Paulo: 2016.

OLIVEIRA, de Rita de Cássia Magalhães. **ENTRE LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 2, nº 4, 2014.



PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Os métodos de Apuração. In: **A Apuração da Notícia**- métodos de investigação na imprensa-. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PERUZZO, Maria Cecília. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação - pressupostos epistemológicos e metodológicos-. In INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG, 2003.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. **Meio pelo qual lê jornal**, 2016. Disponível em: <<http://pesquisademidia.gov.br/#/Jornal/details-1203>>. Acesso em: 13 de novembro de 2018.

SANTI, Vilso Junior. **O desafio da apuração jornalística no ciberespaço**. In Sessões do Imaginário. Porto Alegre: FAMECOS /PUCRS, nº 24, 2010.

SÃO PAULO, Folha. **Manual da redação**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SOUZA, Kennedy Anderson Cupertino; TESSAROLO, Felipe Maciel. **Fake News - Ética e credibilidade jornalística em risco** -. In Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba/PR, 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** - Porque As Notícias São Como São - Florianópolis: Insular, Vol. 1 - 3ª Ed. 2012.

TRAVANCAS, Isabel. Entrevista no jornalismo e na antropologia: pesquisando jornalistas. In MAROCCO, Beatriz (org.). **Entrevista: na prática jornalística e na pesquisa** -. Porto Alegre: Liberatos, 2012.

VEIGA, Marcia da Silva. Fundamentos Metodológicos. In **Masculino, o gênero do jornalismo** - um estudo sobre os modos de produção das notícias. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

WOLF, Mauro. **Teoria da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

### **Entrevistas**

HILLESHEIM, Jardel. **Entrevista Pessoal**. Santa Rosa, novembro de 2018.

MADRIL, Jairo. **Entrevista Pessoal**. Santa Rosa, novembro de 2018.

VARGAS, Taciara. **Entrevista Pessoal**. Santa Rosa, novembro de 2018.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### **Geral**

1. Nome do Jornal
2. Período em que foi fundado
3. Proprietário
4. Endereço completo
5. Site
6. Distribuição e tiragem
7. Linha Editorial, como é? Sempre foi assim?
8. Perfil de público
9. Número mínimo de páginas
10. Editorias
11. Número de integrantes da equipe geral
12. Número de integrantes da equipe de redação

#### **Redação**

13. Como é organizada a produção do jornal? Quem faz o que?
14. São feitas reuniões de pauta? Quantas e quando?

#### **Produção autoral**

15. Qual é o processo de apuração de uma matéria autoral?
15. Como são escolhidas as fontes?
16. É prática comum entrevistar mais de uma fonte para o mesmo assunto?
17. Quando há dúvidas em relação ao que uma fonte falou, é publicado mesmo assim atribuindo a responsabilidade a ela? Ou o jornal tem como prática investigar?
18. Quais os temas que o jornal dá mais destaque?

#### **Releases**

19. Recebem muitos *release*?
20. O que os leva escolher um *release* para se publicado?
21. Qual é o processo de apuração nesses casos? Vocês checam a informação ou produzem algo novo tomando o *release* como uma sugestão de pauta?

22. Recebem muitas sugestões de pauta da comunidade além dos *releases*?

**Impresso e Online**

23. Os conteúdos publicados no jornal são os mesmos veiculados online?

24. Como lidam com a temporalidade do site sem “matar” as pautas do impresso?

25. Como se sente sendo jornalista neste jornal